



# ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

**BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 82  
AGOSTO DE 2024**





**Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina**  
**AFSC**  
**Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux**  
**CEP 88010-560 - Florianópolis, SC**  
**Caixa Postal 9029 - CEP 88.010-976**

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2024 para o período de agosto/2024 a agosto/2025:

Presidente:.....Luis Claudio Fritzen  
Vice-presidente:.....Demétrio Delizoicov Neto  
Primeiro secretário:.....Romeu Odilo Trauer  
Primeiro tesoureiro:.....Bernardo Bihr Lopes  
Diretor de Sede:.....Maurício Silva Soares

**Conselho Fiscal:**

Lucia de Oliveira Milazzo .....Hugo Nestor Ciavattini (suplente)  
Ernani Rebelo.....Juliano Natal (suplente)  
Rubens Moser.....Paulo Cesar da Silva (suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim – Santa Catarina Filatélica.

Para suporte aos dispêndios decorrentes de suas atividades, a AFSC depende principalmente da arrecadação de anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2021:

Efetivos – residentes na Grande Florianópolis, com idade a partir de 18 anos ..... R\$150,00  
Juvenis – com idade inferior a 18 anos ..... R\$20,00  
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis ..... R\$50,00  
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil ..... US\$35,00

**ASSOCIE-SE!**

[www.afsc.org.br](http://www.afsc.org.br) [afsc@afsc.org.br](mailto:afsc@afsc.org.br)

**Reuniões regulares:**

Quintas-feiras a partir das 18:30 horas e Sábados a partir das 14:30 horas

**SCF – Santa Catarina Filatélica – Boletim semestral da AFSC – desde 1949**

**Para anunciar neste Boletim:**

Página inteira: R\$70,00 / Meia página: R\$40,00 / Terço de página: R\$30,00  
Terceira capa: R\$110,00 / Quarta capa: R\$140,00

Florianópolis, agosto de 2024.

Revisão textual: Lucia de Oliveira Milazzo.  
Diagramação e Capa: Fagner Maximo da Silveira.

Capa:

**Arte selo comemorativo: Fagner Maximo da Silveira**  
**Imagens presentes nos artigos deste boletim.**



# Índice

Palavras do Presidente.....	04
Representação da Abundância na Numismática Brasileira.....	05
Filatelia... Nem tudo é Papel e Tinta.....	10
Entrevista - Rubens Moser.....	16
Os Cartões-postais Wessel.....	24
“CACHE” - O dinheiro de Fraiburgo.....	30
A Ponte Alexandre III em Paris.....	33
Entrevista - Walter Kottmann.....	36
Nossa Senhora Aparecida, Rogai por Nós.....	40
O incentivo dos Correios ao uso do telefone pessoal como facilitador para o envio de telegramas.....	44
Os Bilhetes do 3º Banco do Brasil (1853-1893) e do Banco Comercial e Agrícola (1857-1862) impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro.....	52
Selos impressos em Cartões-postais e Envelopes.....	70

*Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como o que se refere ao uso de imagens.*

# Palavras do Presidente

Com enorme orgulho e igual satisfação, podemos dizer a todos que completamos 75 anos da primeira edição do SANTA CATARINA FILATÉLICA, que foi editada em dezembro de 1949. Aquele trabalho pioneiro tinha como Diretor João Carlos Ramos. A ideia do periódico foi lançada na Diretoria presidida por Felix Schmiegelow, em 1948, mas somente implementada sob a gestão de Alfredo Campos.

Estamos dando continuidade a essa história. É bem verdade que a primeira série foi interrompida, na década de 1960, quando a prioridade financeira foi para a aquisição da sede própria, objetivo alcançado em 1970. Assim, em 1974, já sob a orientação de Wanderley de Paula Medeiros, o periódico foi retomado, continuando até hoje.

Mantemos a publicação impressa, mas ampliamos substancialmente a distribuição de nosso Boletim semestral, por meio da internet, por e-mail, webpage e grupo de WhatsApp, entregando uma experiência cada vez mais atual.

Também com orgulho enfatizamos que continuamos nossas reuniões semanais, quintas-feiras à noite e sábados à tarde, para o debate e divulgação do colecionismo.

As novas tecnologias permitem a continuidade do nosso compromisso com a filatelia, numismática, cartofilia e demais formas de colecionismo. Estamos de olho no futuro, crescendo e atuando cada vez mais.

Luis Claudio Fritzen  
Agosto de 2024



# Representação da Abundância na Numismática Brasileira

Juliano Natal – Florianópolis SC (\*)

A mitologia romana é o conjunto de crenças, histórias, mitos e lendas que foram contadas pelos romanos na Antiguidade e que tiveram como base relatos sobre a origem de Roma, dos deuses, homens e fenômenos da natureza em períodos que antecederam o Cristianismo. Seus deuses eram adorados em rituais, festas, danças, procissões, orações e sacrifícios cujos resultados favoreciam as colheitas, a saúde, a proteção, a harmonia e a prosperidade entre os homens (1).

Entre os deuses, Ceres era a deusa dos frutos, da agricultura, da fertilidade, da terra e dos cereais, cultuada pelos romanos a partir de 496 a.C. É retratada por uma mulher com um cetro, um cesto de flores e frutos, portando uma coroa feita de espigas de trigo.

A partir dos atributos da deusa Ceres, surge a representação da Abundância, materializando as virtudes dessa deusa na propaganda religiosa adotada pelos imperadores romanos. A partir de então, inúmeras representações da Abundância foram adotadas em quadros, estátuas, monumentos, vasos, artefatos religiosos, empregando variações diversas, contudo sem perder a temática da fartura das colheitas dos grãos e prosperidade. Por exemplo, no quadro do pintor Paul Rubens (1557-1640) de 1630, a mulher traz consigo uma cornucópia (vaso em forma de chifre) de onde saem flores, grãos, frutos e outros alimentos. Em moedas do reinado de Nero (54 a 68 a 68 d.C.) a Abundância é simbolizada por uma mulher de corpo inteiro, segurando espigas de milho e uma cornucópia ao lado de uma criança (2).



Figura 1. Abundância retratada no Quadro de Paul Rubens de 1630, Museu Nacional de Arte Ocidental (imagem disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Abund%C3%A2ncia\\_\(mitologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Abund%C3%A2ncia_(mitologia)))



Figura 2. Abundância retratada na moeda romana de cobre no reinado de Nero (imagem disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Abund%C3%A2ncia\\_\(mitologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Abund%C3%A2ncia_(mitologia)))

Na Numismática Brasileira, a representação da Abundância ocorre na alegoria gravada por João da Cruz Vargas durante a República Velha (1889 a 1930), no reverso das moedas de 500 réis e 1.000 réis cunhadas na liga de cobre e alumínio e no ensaio monetário de 2.000 réis de 1914, esta última não chegando a ser produzida para o meio circulante.



Figura 3. Anverso das moedas de 500 réis e 1.000 réis cunhadas entre 1925 e 1931.

A alegoria da Abundância traz, dentro de um círculo aberto, uma figura feminina voltada para a direita, apoiada com o joelho da perna direita em flores e na terra que estão no enxergo. Sua perna esquerda está dobrada e sobre o corpo da mulher uma cornucópia é segurada pela sua boca, pela mão esquerda da mulher. Da cornucópia são despejados flores e frutos.

Completam a alegoria a constelação de cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, uns dos símbolos adotados para a representação da República e o anel contendo 21 estrelas, indicando os estados brasileiros, além da sigla estilizada JV, de difícil visualização, do Gravador João da Cruz Vargas.

O reverso dessas moedas de 500 réis e 1.000 réis contém na parte inferior a data de cunhagem, ao centro, o valor 500 réis ou 1.000 réis, circundado por ramos entrelaçados de café com frutos, posicionado à esquerda, e de algodão contendo florões, à direita. Completam o reverso a palavra Brasil e a estrela de cinco pontas, entre os dois ramos. A sigla JV, do gravador, aparece novamente, desta vez à esquerda, próxima ao início do ramo de café.

A produção das moedas de 500 réis e 1.000 réis foi autorizada pela Lei no 4.783 de 31 de dezembro de 1923 com as características informadas no Decreto no 16.409 de 12 de março de 1924, reproduzido na sequência (3). A cor dourada da liga cobre-alumínio adotada de forma inédita no meio circulante a partir de 1922, em função da desvalorização monetária empregando metais e ligas mais baratas, aliado ao seu baixo poder aquisitivo, fez com que muitos utilizassem tais moedas para a confecção de anéis e alianças.



Foto 4. Reverso da moeda de 1.000 réis de 1927.

## Decreto nº 16.409, de 12 de março de 1924

*Manda alterar os cunhos das moedas divisionárias de prata do valor de 2\$ e de cobre e alumínio dos valores de 1\$ e 500 réis.*

*O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que dispõe o n. 109 do art. 1º da lei n. 4.783, de 31 de dezembro de 1923, resolve:*

*Art. 1º As moedas nacionais de prata do valor de 2\$ e as de cobre e alumínio dos valores de 1\$ e 500 réis, que se cunharem de ora em diante conservarão o peso, liga, tolerância e modulo já determinados em leis, e obedecerão aos características seguintes:*

*As moedas nacionais de 2\$ terão no anverso a efigie da República, circundada por 21 estrelas, representando os Estados, separadas por um filete e por uma ordem de perolas; no reverso terão os ramos de fumo e café, ladeando o valor e sobre este o feixe consular, no exergo a era e no contorno a inscrição - República dos Estados Unidos do Brasil.*

*As moedas de cobre e alumínio dos mencionados valores terão no anverso a figura de Céres, ornada por 21 estrelas, simbolizando os Estados e na frente da figura o Cruzeiro do Sul; no reverso os ramos de café e algodão, com o valor no centro, por cima a estrela da União, encimada pela palavra - Brasil, e por baixo a era do cunho.*

*Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.*

*Rio de Janeiro, 12 de março de 1924, 103º da Independência e 36º da República.*

Tais moedas foram produzidas entre 1924 e 1931. Os 1.000 réis de 1927 foram os de maior cunhagem da série, com 35.817.000(5), encontrando-se entre as maiores cunhagens do padrão monetário herdado de Portugal. Nos anos de 1926 e 1929 foram produzidas moedas falsificadas de 500 réis.



Figura 5. Reverso da moeda de 1 Franco de 1904 que traz a obra “La Semeuse” de Oscar Roty (imagem disponível em <https://pt.ucoin.net/coin/france-1-franc-1898-1920/?tid=30429>)

Muito embora os elementos da fertilidade dos frutos e flores da mitologia romana tenham sido adotados no desenho produzido por João Cruz Vargas, alguns autores (4,5) consideram que a figura da Abundância nas moedas brasileiras foi inspirada na obra “La Semeuse” de Oscar Roty (1846/1911), que a pedido do Ministério das Finanças da França desenvolveu o projeto para as moedas francesas em 1897 e 1898 (3), sendo novamente adotada no presente século, em moedas de Euro, por exemplo nos 10 centavos da França de 2013.



Item	500 réis	1.000 réis
Casa da moeda	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Letra Monetária	Sem letra	Sem letra
Metal	Cobre 910 % e Alumínio 91%	Cobre 910 % e Alumínio 91%
Diâmetro	22,50 mm	27,00 mm
Espessura	1,60 mm	2,10 mm
Peso	4,00 g	8,00 g
Bordo	Serrilhado	Serrilhado
Anos de Cunhagem	1924, 1927, 1928 e 1930	1924, 1925, 1927, 1928, 1929, 1930 e 1931
Quantidade produzidas <sup>(6)</sup>	19.702.900	59.573.000

### Bibliografia:

1. DIANA, Daniela. Mitologia Romana. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mitologia-romana/>. Acesso em 3 de junho de 2024.
2. Abundância (mitologia). In: Wikipedia, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Abundancia\\_\(mitologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Abundancia_(mitologia)). Acesso em 5 de junho de 2024.
3. Câmara dos Deputados. Decreto nº 16.409, de 12 de março de 1924. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto>. Acesso em 4 de junho de 2024.
4. Catálogo Digital Denarius de Moedas Circulante no Brasil 2023, 3ª edição, Rikroses Produtos Digitais, 2023. E-book (1.148 p.) Acesso em 5 de junho de 2024.
5. MALDONATO, Rodrigo. Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial, 2ª edição. MBA Editores, 2016;
6. Oscar Roty. In: Wikipedia, 2024. Disponível em: [https://gl.wikipedia.org/w/index.php?title=Oscar\\_Roty&veaction=edit&section=5](https://gl.wikipedia.org/w/index.php?title=Oscar_Roty&veaction=edit&section=5). Acesso em 5 de junho de 2024.
7. MOREIRA, Marcio Porto. Catálogo Amigo – Moedas Brasileiras 1643 a 2023, 5ª edição, Divinópolis-MG, edição do autor, 2023.

(\*) Juliano Natal  
e-mail: [juliano\\_natal@yahoo.com](mailto:juliano_natal@yahoo.com)



## “CLUBE FILATÉLICO BRUSQUENSE PREPARA-SE PARA COMEMORAR 90 ANOS DE ATIVIDADES”

O tradicional Clube Filatélico Brusquense completará 90 anos de atividades em 2025, numa trajetória repleta de atividades ligadas à filatelia, numismática, cartofilia entre outros ramos do colecionismo.

Era um domingo ensolarado do ano de 1935 na bucólica e pacata cidade de Brusque quando quatro jovens (Ayres Gevaerd, Érico Jorge Krieger, José Boiteux Piazza e Oscar Gustavo Krieger) idealizaram a fundação de um Clube para reunir colecionadores de selos, moedas e cartões-postais. Nascia, assim, no dia 21 de julho daquele ano, o *Club Philatelico Brusquense*.

A semente germinou e em pouco tempo o Clube Filatélico Brusquense firmou-se como um dos mais ativos de Santa Catarina, incentivando jovens colecionadores e apoiando a fundação de outras Sociedades congêneres.

O Clube Filatélico Brusquense promoveu ao longo de sua existência inúmeras atividades como exposições, emissão de Folhinhas Filatélicas, selos personalizados e uma série de carimbos, além de presença constante em Encontros Filatélicos realizados em Santa Catarina, a partir de 1969.

Nas páginas da filatelia catarinense e brasileira, o CLUBE FILATÉLICO BRUSQUENSE tem escrito uma história que merece o nosso reconhecimento!

# Filatelia... Nem tudo é Papel e Tinta

Maurício Silva Soares – Biguaçu, SC

Os caminhos da Filatelia nos levam necessariamente a estudar. Existem coleções dedicadas ao estudo dos selos quanto aos papéis utilizados, tipos de denteação, processos de impressão, nuances de cor, etc. Mas o que vemos nos catálogos de selos, basicamente, é isso: papel e tinta usados para a impressão dos selos.

A Filatelia é um universo pleno. Muito além dos selos propriamente ditos, a Filatelia tem áreas interessantíssimas para estudar. Cito aqui algumas, como a Carimbologia, a História Postal, a Aerofilatelia, sem desmerecer todas as demais áreas.

Conversando com filatelistas, as ideias e questionamentos vão surgindo. Além do papel e da tinta, o que mais temos a explorar? Que outros materiais foram utilizados pelos Correios dos vários países do mundo para a elaboração, não só de selos, mas dos muitos tipos de elementos filatélicos?

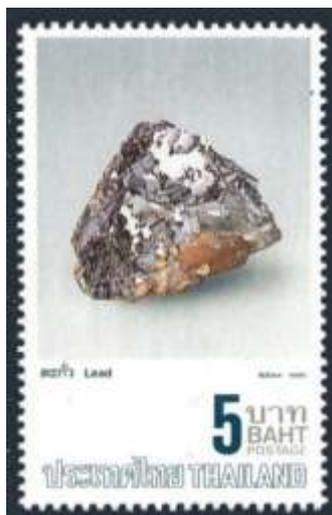


Figura 1 – Tailândia, 1990. Selo alusivo ao mineral Galena, um composto de sulfeto de chumbo, forma mais comum em que o chumbo é encontrado na natureza.

Passemos à prática.

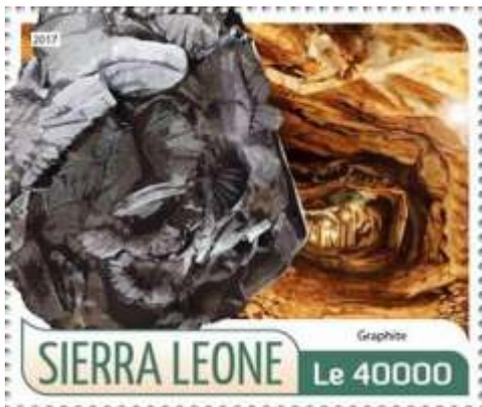
A internet é uma excelente fonte de pesquisa. Nos estudos para o desenvolvimento de minha coleção temática, deparei-me com itens realmente curiosos que venho aqui compartilhar. Itens que podem ser uma forma diferente e alternativa de mostrar aspectos temáticos. A Inovação é um dos critérios para julgamento de coleções competitivas e para inovar é preciso usar a criatividade.

Vejamos como poderia ser abordada a questão do elemento químico Chumbo numa coleção sobre Geologia ou Mineralogia. Utilizar um selo? Ou utilizar algo mais original, como um lacre de malote postal feito efetivamente em chumbo?



Figura 2 – Chumbo utilizado no lacre de um malote do BFPO – British Forces Post Office (Correio das Forças Britânicas), em Rheindahlen, Alemanha.

Ainda na Mineralogia ou em um estudo filatélico sobre a Escrita, talvez fosse necessário mostrar o Grafite. Como não existem emissões de países mais tradicionais, então o que fazer?



Quando não existe um determinado assunto retratado em selos ou se o que existe é de pouca relevância filatélica, uma visão alternativa se faz necessária. Uma alternativa é pensar onde se usa industrialmente o Grafite? Um lápis, por exemplo, tem grafite em seu interior.

Figura 3 - Serra Leoa. Selo de 2017, mostrando o Grafite em seu estado natural conhecido como Grafita.



Figura 4 – Checoslováquia, 1930, franquia mecânica fabricada pela Francotyp com slogan da indústria de lápis Koh-I-Noor, de L.&C. Hardtmuth, localizada em České Budějovice. Curiosamente, Koh-i-Noor (“Montanha de Luz” na língua persa) é o nome de um dos maiores diamantes lapidados do mundo, pesando 105,6 quilates (21,12 gramas).

Não é muito o que se acha na Filatelia que seja efetivamente feito a lápis, mas como diz um amigo, na “Filatelia tem de tudo”.

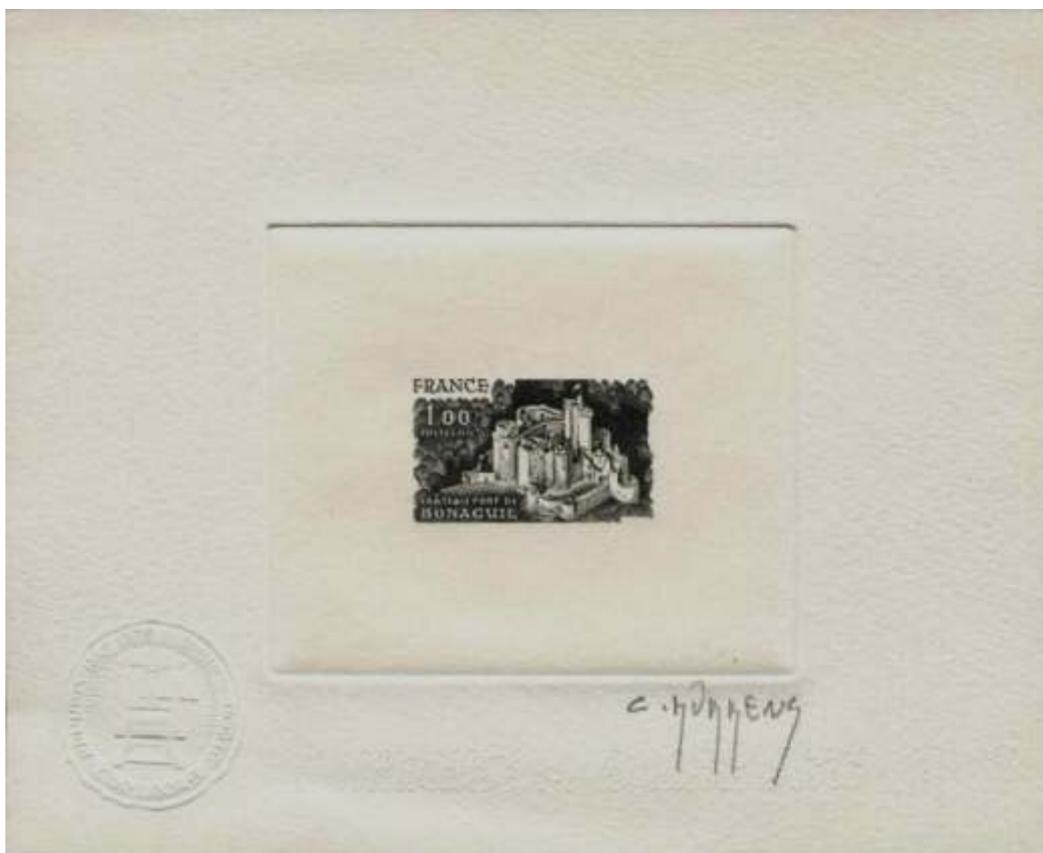


Figura 5 – França, 1976, Prova assinada pelo artista Claude Durrens, utilizando um lápis, ou seja, com Grafite. No canto inferior esquerdo, selo oficial “Imprimerie des Timbres-Poste – Controle”.

Os tecidos e fibras vegetais estão presentes na Filatelia? Com certeza, sim.

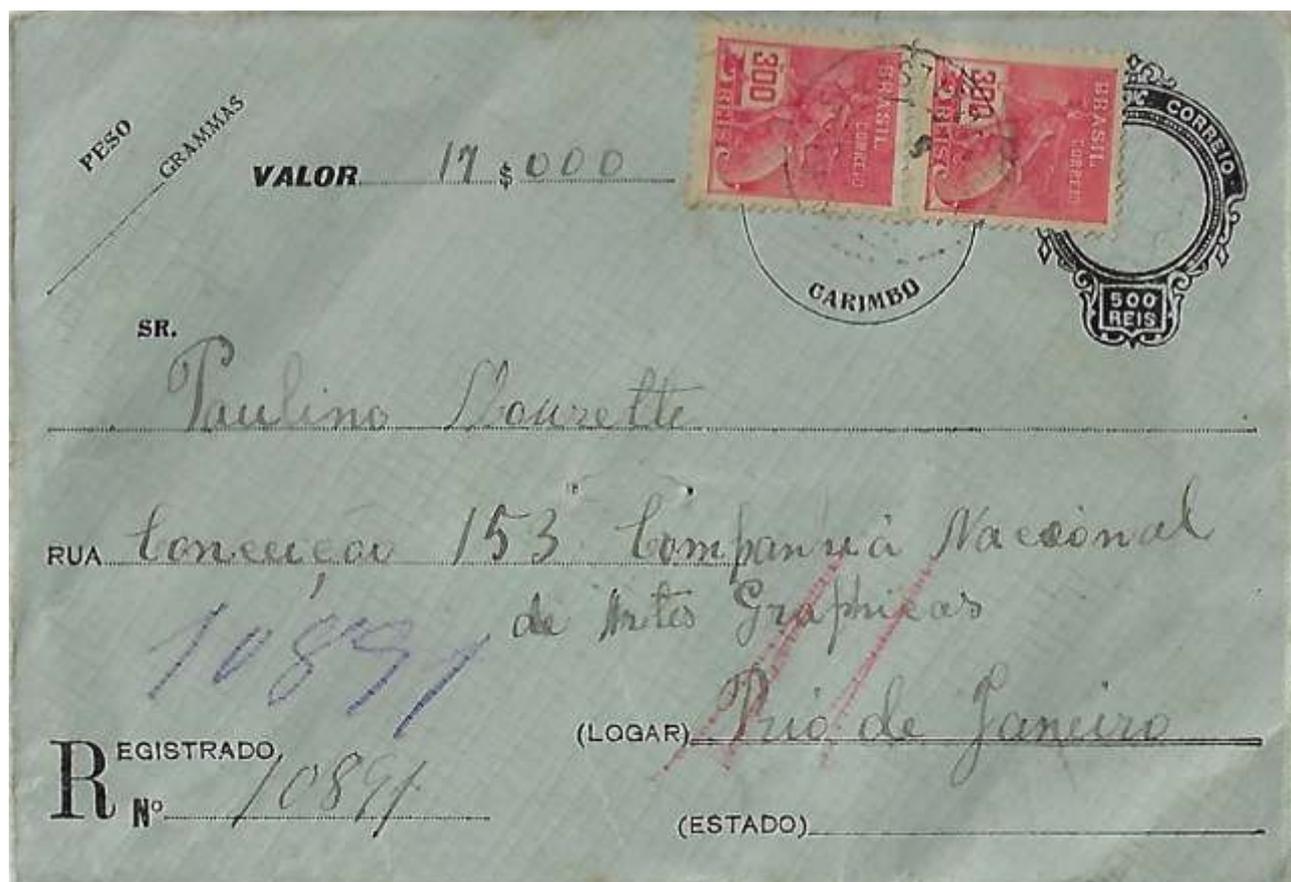


Figura 6 – Brasil, 1928, envelope para remessa de valores com a tela interior de linho grosso.

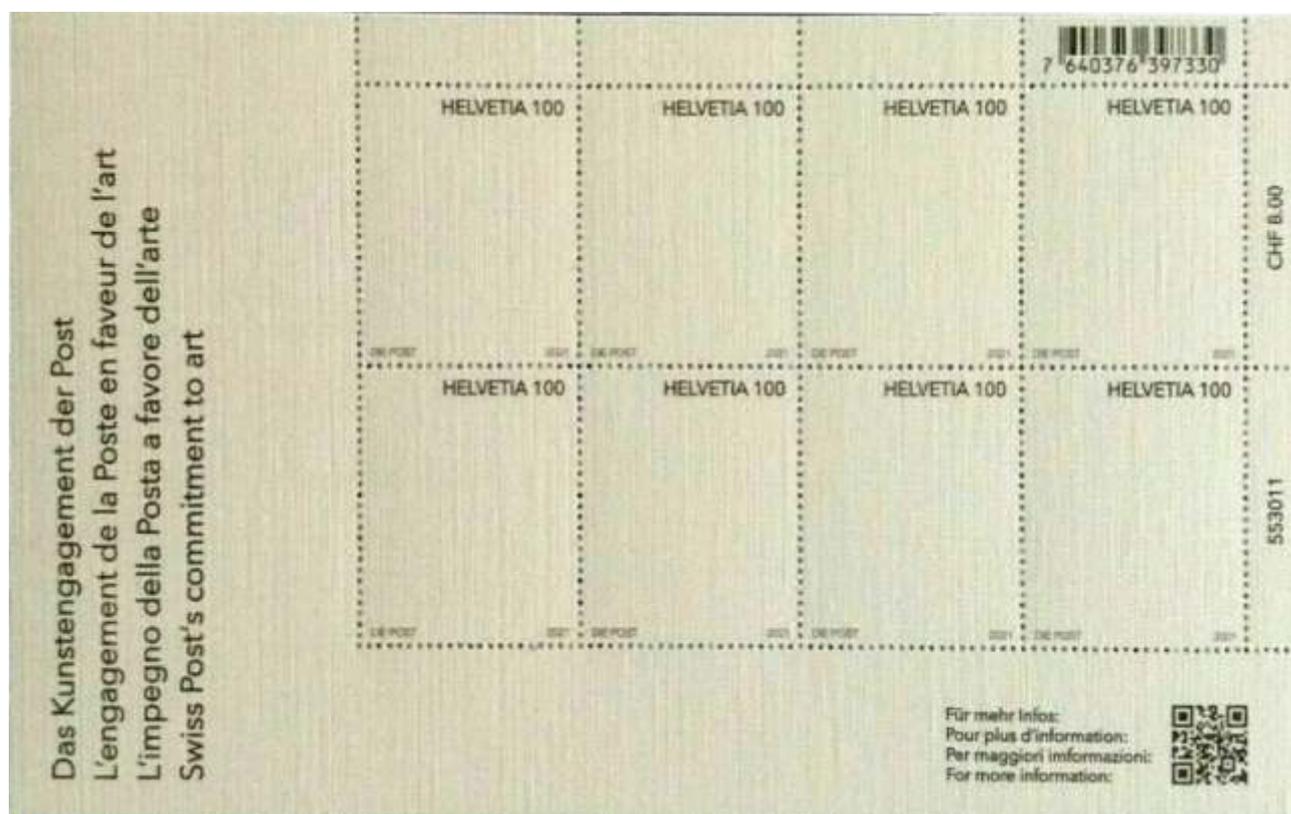


Figura 7 – Suíça, 2021, folha de selos feitos em lona, que é um tecido de fibras vegetais.

Temos, também, os malotes postais feitos tradicionalmente em lona. Em função das dimensões e volume, talvez não seja fácil incluí-los nas folhas expositivas, mas são extremamente atrativos.



Figura 8 – Saco do Correio da Bahia para Lisboa. Século XVIII, do acervo do Museu dos Correios e Telecomunicações De Portugal.



Figura 9 – Saco do Correio de Lisboa para Évora. Século XVIII, do acervo do Museu dos Correios e Telecomunicações de Portugal.

Para minha coleção temática sobre Mamíferos, uma bolsa postal feita em Couro seria um achado, embora extremamente volumosa para expor. Felizmente, existem alternativas filatélicas mais viáveis.



Figura 10 – Espanha, antiga bolsa em couro para uso dos carteiros.

Como disse, por conta do volume, o uso seria complexo, mas felizmente alguns países procuram inovar em termos de utilização de materiais e manter assim cativos os colecionadores com essas novidades. A questão do couro pode ser facilmente resolvida, como no caso das emissões vistas nas figuras 11 e 12.



Figura 11 – Áustria, 2015, selo em couro.



Figura 12 – Espanha, 2021, selo em couro.

Ainda na ideia de descobrir o que mais temos na Filatelia além de papel e tinta, fiz um rápido levantamento e identifiquei outros materiais, encontrados em especial nos itens mais modernos. Destaco o fato de terem sido encontrados em países bastante respeitados no meio filatélico.



Figura 13 – Áustria, 2008, selo em poliuretano, mesmo material utilizado nas bolas da Euro 2008.



Figura 14 – Áustria, 2021, selo confeccionado com os mesmos materiais produzidos na Europa para a confecção de máscaras.



Figura 15 – Áustria, 2018, selo em vidro.



Figura 16 – Liechtenstein, selo bordado com fios obtidos pela reciclagem de garrafas PET.

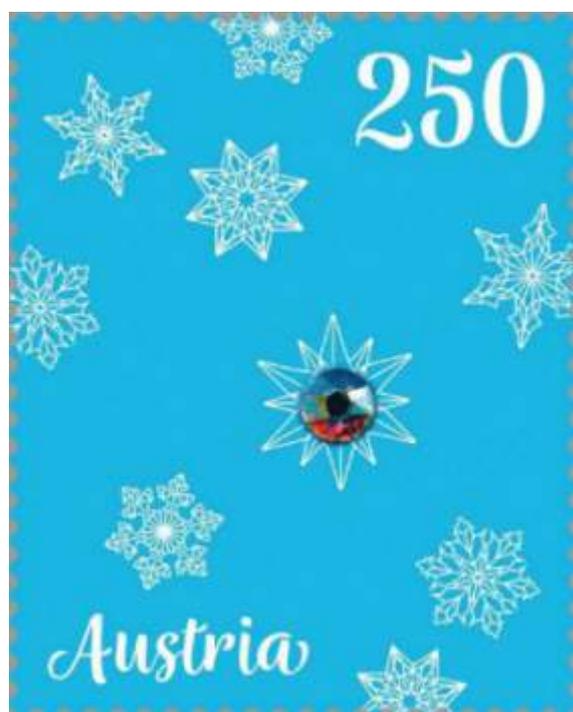


Figura 17 – Áustria, 2017. Selo com cristal Swarovski.

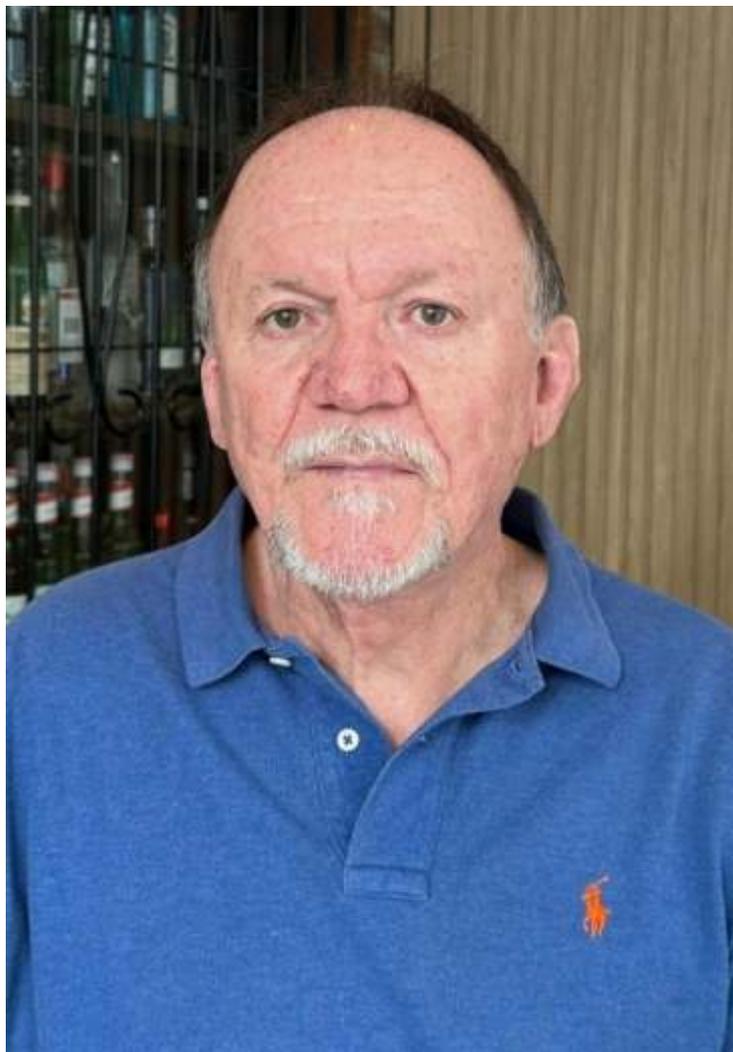


Figura 18 - Áustria, 2021, selo em algodão.

O objetivo não é esgotar a abordagem dos tipos de materiais usados na Filatelia, mas apenas mostrar ao filatelista uma perspectiva diferente ao analisar a diversidade de materiais que poderão estar em sua coleção. Usar um item não apenas pela imagem, mas também pelo material com o qual foi feito.

# Entrevista - Rubens Moser

Peter Johann Bürger - Florianópolis, SC



Rubens Moser, entrevistado desta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica - SCF, demonstrou interesse pelo colecionismo desde a infância. Hoje, como numismata, é um grande estudioso e colecionador.

Foi Presidente da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina – AFSC, no período de 06/08/2000 a 05/08/2001 e exerceu também outros cargos de Diretoria. Atualmente é membro do Conselho Fiscal.

Foi uma satisfação a concordância do Engenheiro Rubens Moser, grande colaborador da AFSC, para esta entrevista para o Boletim Santa Catarina Filatélica – SCF. Nossos agradecimentos pela disponibilidade e atenção dispensada.

Santa Catarina Filatélica – Quando e onde você nasceu e como foi sua formação e carreira profissional?

Rubens Moser – Nasci em Blumenau em 28 de outubro de 1952, estando radicado em Florianópolis desde 1971. Sou Engenheiro Civil, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Como profissional, ocupei diversas funções públicas, tendo sido também Diretor Técnico de Construtoras, além de outras funções correlatas no Setor da Construção Civil.

SCF - Qual é a sua história na área do colecionismo? Como descobriu seu gosto pela numismática?

RM - Interessei-me desde criança em acumular itens colecionáveis, como figurinhas, selos, moedas, gibis, etc. Incentivado por meus pais e irmãos mais velhos, porém com recursos muito limitados, tornei-me um “ajuntador” incipiente, encarando com obstinação a difícil tarefa de conseguir aqueles materiais, já que residíamos numa pequena vila interiorana. Durante o período acadêmico e no início da minha carreira profissional, estive totalmente afastado do colecionismo, dedicando-me, nos momentos livres, à prática de esportes e música.

A AFSC promoveu, nos anos 90, um Encontro nas instalações do Centro Integrado de Cultura - CIC, em Florianópolis, com divulgação através da mídia. Movido pela curiosidade, visitei o evento, adquirindo um conjunto de cédulas e de moedas. Naquela época, com mais de 40 anos de idade e tendo alcançado certa estabilidade financeira, pude tornar-me, efetivamente, um “novo colecionador”. Para mim, foi muito importante, pois minha vida profissional me impunha níveis elevados de *stress* emocional, condição que foi atenuada sobremaneira com meu envolvimento nessa nova atividade, direcionada principalmente à pesquisa, consolidando um conhecimento teórico razoável, para sentir-me confiante em relação ao assunto.

Durante um bom período, estive intensamente motivado com a “novidade”, frequentando museus, feiras, encontros e toda sorte de eventos ligados à Numismática, incorporando o colecionismo como *hobby*, interesse que passei a dividir com viagens, esportes, jogos, gastronomia, leitura e música.

SCF - Como você soube da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina - AFSC? E como se deu sua aproximação?

RM - Quando estudante, havia residido no prédio onde se localiza a AFSC, e aquela era uma época em que a Organização promovia leilões com a presença de muitos colecionadores, vindos de várias cidades, que se agrupavam em conversas animadas pelos corredores e na portaria, até com algum alvoroço.

Após a realização do referido Encontro, associar-me e frequentar assiduamente a sede da Associação foi algo totalmente natural, pois houve completa receptividade pela diretoria e associados, e a sua biblioteca era muito satisfatória. Ali também me beneficiei das orientações e informações tão necessárias para quem inicia uma coleção: histórico dos eventos; onde e como adquirir material; intercâmbio com colecionadores e comerciantes; adequada interpretação e uso de catálogos; conservação das peças; dinâmica das Vendas Sob Ofertas; difusão de eventos, etc.

SCF - Além da AFSC você tem vínculo com outra associação de colecionadores na área de Numismática?

RM - Sou associado da Sociedade Numismática Brasileira – SNB e da Sociedade Numismática Paranaense – SNP.

SCF - Que passagens marcantes destacaria nesses seus anos de Associação?

RM - Pude contribuir como Presidente e Tesoureiro da Entidade, além de membro do Conselho Fiscal, posição que exerço atualmente. Não destacaria nenhuma passagem marcante: a AFSC, como a maioria das Associações congêneres, tem sua sobrevivência garantida pela abnegação e apostolado de poucos, que assumem a atividade rotineira, particularmente para cumprir as funções de Tesouraria e Secretaria.

SCF - Como está a numismática catarinense e brasileira?

RM - Até certa época – eu diria 1970 – o colecionismo de cédulas, moedas, medalhas, apólices e itens correlacionados, implicava uma condição financeira confortável, para que o colecionador pudesse suportar as despesas com a manutenção do hobby. Paulatinamente, esse colecionismo foi difundido e popularizado, muito em razão do esforço e dinamismo de entidades e comerciantes vocacionados para a disciplina.

É digno de referência o esforço que realizam as Associações e Órgãos que viabilizam a publicação de boletins e artigos com foco na Numismática. Eu ressaltaria, sem desdouro das demais, o protagonismo da SNB, com produção de material científico de grande amplitude, com enorme valia para aqueles que almejam evoluir e manter-se ativos enquanto colecionadores.

SCF - Numismática é um hobby caro?

RM - A Numismática, como ramo especializado das ciências históricas que estuda as moedas e documentos a elas relacionados, não implicaria em qualquer despesa, exceto na aquisição de livros e outros itens para a formação de uma biblioteca temática, se os elementos de pesquisa disponíveis por meio digital fossem considerados insuficientes. São, aliás, conhecidos vários numismatas nessa esteira.

Por outro lado, o colecionismo numismático, como qualquer *hobby*, está subordinado às limitações que cada colecionador se impuser. É totalmente factível dedicar-se ao colecionismo com recursos limitados, bastando escolher colecionar por tipo – no caso de cédulas e moedas nacionais; por tema – pássaros, meios de locomoção, governantes, figuras célebres, etc.; por país; por metal; e assim sucessivamente.

Merece destaque a relevância do estado de conservação das peças colecionadas, mais determinante, geralmente, que outros aspectos, em relação ao seu preço.

SCF - Como você encontra as peças que lhe interessam?

RM - Isso é um aprendizado e cada colecionador tende a traçar seus objetivos, pagar seus “pedágios”, experimentar e aperfeiçoar-se em conformidade com seus desígnios.

Habituei-me, desde sempre, a adquirir minhas peças de comerciantes cuja empatia e firmeza me inspiraram confiança. Particpei de leilões – presenciais ou remotos – promovidos por entidades e comerciantes, e selecionei peças em sites especializados e listas de ofertas. Comprei bastante material em feiras e eventos no exterior, mas nunca viajei com esse objetivo específico. Também adquiri o acervo de vários colecionadores – ou de seus herdeiros (abro aqui um parêntesis para recomendar aos colecionadores o hábito de registrarem, de forma que seus herdeiros possam interpretar com facilidade, o valor estimado das peças mais relevantes e de todo o acervo, correlacionando os valores para facilitar sua atualização, seja com dólares, ouro ou outra unidade conversível. Será bastante útil para que seus herdeiros não vendam a coleção por valor muito inferior ao merecido, ou, ainda, não fiquem travados na expectativa de obtenção de valores infundados. Em ambos os casos, a natural insegurança dos herdeiros será superada com o auxílio dessas informações).

Atualmente, além de leilões publicados através de plataforma bastante conhecida e ativa, há um volume imenso de ofertas propagadas através de vários aplicativos e outras plataformas.

Um assunto preocupante é a existência de peças falsas e/ou falsificadas, principalmente para aqueles cujas coleções alcançaram níveis intermediários ou avançados. É representativa a ocorrência desse material em coleções: foram introduzidas com propósitos ilícitos e repassadas, acredito, por desconhecimento. Ainda hoje, é possível verificar – até com alguma frequência – peças falsas e/ou falsificadas sendo ofertadas através do comércio digital.

SCF - Como seleciona suas peças? Existe algum tema especial que coleciona?

RM - Prefiro peças com apelo visual, conteúdo artístico e estado de conservação elevado. Já me dediquei a diversos temas, mas atualmente estou focado na aquisição de cupons, vales, bônus, fichas, jetons e apólices emitidas por entidades catarinenses anteriormente a 1900, pois teria intenção de publicar catálogo agrupando essas emissões. São exemplos desse material os vales emitidos por municipalidades após a Revolução Federalista e as fichas de Eugen Currin, de Blumenau, ou Kuhnes Salon, de Joinville. Ainda não consegui encontrar um só exemplar das fichas que circularam na Colônia Militar de Chapecó (Xapecó), instalada por volta de 1880.

SCF - Como estimular crianças e jovens a se interessarem pela numismática?

RM - O colecionismo é, na minha opinião, instintivo, e vai florescer nos indivíduos que decidirem abraçar o hobby. A existência de condições adequadas e incentivos para o exercício da escolha, naturalmente, terá impacto determinante.

SCF - O que você aconselharia a alguém que quisesse hoje começar uma coleção de moedas?

RM - É muito diversificado o direcionamento que cada colecionador adota.

Vou, porém, reproduzir parcialmente recomendações que relacionamos numa apostila elaborada em 1996, destinada a auxiliar iniciantes:

- Não empregar recursos em aquisições ponderáveis, na suposição de resultados compensadores do capital empregado;
- Limitar-se à especialização escolhida e segui-la com ordem e paciência;
- Escolher sempre a peça no melhor estado de conservação possível;
- Evitar juntar peças em sacos e caixas, guardando-as em envelopes, estojos ou embalagens adequadas;
- Ao manusear as moedas, os dedos devem segurar apenas os bordos, evitando tocar as faces dos discos;
- Estudar a história das peças. O valor numismático de uma moeda cresce com seu melhor estado de conservação e decorre mais de sua relativa raridade do que da sua antiguidade, ou até do metal com que foi confeccionada. A cunhagem artística e significado histórico também são fatores relevantes na valorização da peça;
- Evitar aplicar polimento ou qualquer processo abrasivo na limpeza das moedas, pois haverá dano irreversível, inclusive com a eliminação da pátina natural;
- Frequentar Associações e valorizar o hábito da leitura, com prioridade para assuntos concernentes ao tema da sua coleção.

SCF - O que pode referir sobre exposições na área de numismática?

RM - Não existem, tanto quanto eu saiba, regras para a exposição de coleções na área de Numismática e tampouco critérios para seleção e classificação das coleções, nem mesmo exposições com propósito competitivo – diferentemente do que acontece na Filatelia.

As grandes coleções, geralmente, são apresentadas em ambientes onde seja possível garantir a segurança necessária. Muitas já se encontram em bancos ou museus, onde as peças repousarão – ou deveriam repousar – definitivamente.

Alguns colecionadores, alcançado o propósito da sua coleção, confeccionam catálogos com imagens e discriminação das peças, normalmente como preâmbulo para comercialização do conjunto.

Coleções temáticas são eventualmente expostas em Encontros Especiais das Sociedades e Associações, porém não como regra.

SCF - Qual sua opinião sobre as recentes emissões de moedas comemorativas pelo Banco Central e Casa da Moeda?

RM - As emissões para circulação das moedas de 1 Real para comemorar as Olimpíadas, e outras igualmente temáticas, impulsionaram fortemente o colecionismo de moedas, mais do que todas as outras iniciativas isoladas, em qualquer época, de que eu tenha conhecimento.

SCF - Qual sua opinião sobre o comércio numismático no Brasil?

RM - Com as emissões das Olimpíadas e a popularização de aplicativos e plataformas, muitos colecionadores pouco experientes – na maior parte – passaram a comercializar seus materiais, o que expandiu significativamente o volume de operações no ambiente numismático. No período da pandemia do coronavírus, além desse incremento de comerciantes, tivemos oportunidade de constatar a prática de preços surpreendentes e transações inesperadas. Passado aquele período, com a retomada dos Encontros e a presença habitual dos comerciantes tradicionais, a situação está voltando à normalidade.

Aconteceu uma importante transformação no setor, certamente, mas o exercício do comércio – qualquer que seja – implica para o postulante ser dotado de certa aptidão e conhecimentos específicos, e no comércio numismático só prosperarão, no meu entender, aqueles que também tiverem suas práticas revestidas pelas virtudes da transparência e da ética.

No comércio virtual, acredito mais naqueles que esclarecem defeitos não visíveis nas imagens – como “vestígio de solda na serrilha”, “limada na serrilha”, “carimbo duvidoso”, “leves manchas”, “amarelados na margem branca”, etc. – com a mesma ênfase e clareza com que ressaltam atributos positivos – como “linda pátina”, “serrilha perfeita”, “maravilhosa” e outros mais.

SCF - Você contribuiu com dois excelentes artigos nos Boletins Informativos da AFSC. Qual foi sua motivação para publicar sobre as “Moedas de porcelana e cerâmica marrom *Böttger*” e os “*Gutschein* da cidade de Treze Tílias de Santa Catarina”?

RM - O primeiro artigo (Boletim 46/1999) foi escrito para apresentar e ilustrar minha coleção referente ao tema, que foi exposta durante Exposição Filatélica Internacional patrocinada pela AFSC, que ocupou um pavimento do Shopping Beira-Mar (naquela oportunidade foram também expostas coleções temáticas de cédulas). Foi interessante porque a coleção estava bastante avançada e trazia uma visão abrangente das cunhagens de Meissen. O artigo em si contribuiu para disseminar o tema e cobrir parcialmente a lacuna decorrente da inexistência de literatura nacional sobre a matéria.

O segundo artigo (Boletim 50/2003) “*Gutschein* – O Dinheiro de Treze Tílias” foi resultado de pesquisas que efetuei a partir de uma visita ao museu de Treze Tílias, onde estava exposta uma série completa dos *Gutschein* emitidos para circular naquela cidade, nos primórdios da sua fundação. Soube, na época, que a apresentação daquelas mesmas cédulas (por uma neta do Ministro Thaler, ligada ao setor cultural da Municipalidade) fora vencedora numa gincana cidadã, já que poucos, quando da realização do evento, sabiam da existência de parte tão importante da sua história.

Foi um trabalho relevante, que me trouxe verdadeira satisfação pessoal, por tratar-se de assunto inédito que pôde ser resgatado tempestivamente, já que tive várias entrevistas com o filho mais novo do Pioneiro, com acesso ao seu acervo e muitas informações que, generosamente, me passou.

SCF - Quais suas fontes de pesquisa? Em relação aos catálogos, quais destacaria?

RM - Contamos com um repertório monumental de informações e fontes de pesquisa, graças ao estado atual da Internet.

Eu gosto de consultar livros, então constituí minha biblioteca adquirindo livros e catálogos em grande parte no Exterior, parte em leilões da SNB, de alguns de comerciantes, vários juntamente com o acervo de colecionadores.

Os catálogos internacionais de moedas e cédulas atuais que utilizo são WORLD COINS e WORLD PAPER MONEY. Para peças nacionais, utilizo as publicações do Cláudio Patrick Amato/Irlei Soares das Neves e o Bentes, do Rodrigo Maldonado.

No tocante aos preços, os catálogos contêm uma referência basilar para auxiliar nas transações, em geral. Não são suficientes para peças especializadas ou raras. Para essas, algumas vezes não há registro de negociação recente ou num passado próximo, então não há como prever o preço final, se forem oferecidas em leilão.

Como minhas aquisições são limitadas por minhas restrições financeiras, acompanho – e isso é bem importante – os leilões mais acreditados e relevantes, mantendo-me bem-informado em relação aos movimentos do Setor.

SCF - A seu ver há alguma razão especial para a dúvida dos colecionadores em optar entre moedas e cédulas?

RM - Normalmente colecionam moedas e cédulas. Quem realmente foi instilado pelo “vírus” do colecionismo não pode deixar de impressionar-se ante a beleza de certas moedas gregas clássicas, Thalers dos estados germânicos e austríacos dos séculos 17 e 18, medalhas francesas do século 19, moedas e medalhas nacionais com o busto de D. Pedro II, ou, ainda, cédulas antigas das colônias francesas, do Congo Belga, dos Estados Unidos e várias cédulas de Réis do Brasil, só para exemplificar.

A cunhagem de moedas, como as conhecemos hodiernamente, teve início há cerca de 27 séculos, enquanto a produção de cédulas demoraria algo como 17 séculos, e sua circulação aconteceu de forma muito mais gradativa (a essa altura, aliás, já existiam intelectuais, governantes e privilegiados que formavam, sistematicamente, suas coleções de moedas).

O aspecto das moedas acompanhou o desenvolvimento das artes através dos tempos, reproduzindo, muitas vezes, obras de arte ou acontecimentos contemporâneos, contribuindo, com relevância fundamental, para o esclarecimento das relações econômicas e políticas dos povos e governantes de determinadas sociedades, permitindo a consolidação ou correção de interpretações de episódios e períodos da história apoiados em documentação escassa.

Em determinados países – como Inglaterra, Espanha e França, entre outros – muitos colecionadores preferem restringir seus interesses ao período do domínio romano – por exemplo –, e também em regiões em que a densidade histórica e o engenho humano se fundem para dar origem a interpretações artísticas e singulares, consubstanciadas nos mais belos conjuntos monetiformes.

Alguns colecionadores, após alcançar nível avançado de conhecimento – na maioria dos casos – consideram também a hipótese de investimento, seja pela variação do preço do metal, ou, mais acertadamente, pela valorização excepcional de peças escassas e raras, na proporção progressiva – em alguns casos, exponencial – em razão do grau de raridade.

Do acima exposto, provavelmente, advém um relativo predomínio, em nível mundial, do colecionismo de peças metálicas. SCF - Acha que os Encontros de colecionadores da AFSC atendem as expectativas?

RM - Considero que nosso Encontro cumpre seus pressupostos, até com algum destaque. Claro que poderia ser melhorado em diversos aspectos, mas sempre procuramos fazer o melhor com os recursos materiais e humanos disponíveis em cada oportunidade. Não gosto de sugerir alternativas que eu mesmo não estaria em condições de implementar, pelo menos parcialmente. Muitas tentativas e experiências já foram promovidas, e temos que entender as nossas limitações, valorizando o mérito daqueles que, voluntariamente, já fizeram bastante e ainda não perderam o entusiasmo e energia para continuar na luta.

---



# Pires Filatelia

**Selos para coleções**  
Selos temáticos  
História postal  
Variedades, provas  
Muito mais

E-mail: [lpneto56@gmail.com](mailto:lpneto56@gmail.com) Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO) 

# Os cartões-postais de papel Wessel

João Paulo Silveira - Curitiba, PR

O cartão-postal foi inventado em meados da década de 1860, com o objetivo de simplificar o envio de uma pequena carta, sem a necessidade do uso de um envelope.

No Brasil, sua instituição se deu com o Decreto n.º 7695, de 28 de abril de 1880, durante o Segundo Reinado de Dom Pedro II. Foi denominado “Bilhete Postal” e tinha, no anverso, um selo impresso e espaço para nome e endereço do destinatário, enquanto no verso se deveria escrever a mensagem propriamente dita.



Bilhete Postal circulado dentro da cidade do Rio de Janeiro (18/06/1889).

Em pouco tempo, surgiram versões não oficiais, com ilustrações na parte frontal e sem o selo impresso, requerendo desta forma um selo que deveria ser adquirido nos Correios e usado no verso do cartão.



Bilhete Postal privado postado em Santos (09/01/1899), para Dresden, na Alemanha (30/01). Trânsito em São Paulo (10/01).

Com a popularização da fotografia no início do século XX, o cartão-postal passou a ter o formato que conhecemos hoje, com uma imagem no anverso e espaços no verso destinados à mensagem, nome do destinatário, endereço e selo.

CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 5 de janeiro de 1900

**Aos Photographos**  
E  
**Amadores da photographia**

**Guilherme Wessel & Comp.**

Participam que acabam de abrir á rua de S. Bento n.º 41-A, nesta capital, um estabelecimento commercial de todos os artigos, os mais modernos e aperfeçoados, concernentes á **bellu arte photographien**, onde os Amadores e Profissionais poderão comprar por preços **multissimo baratos** tudo quanto possam precisar, para a montagem de um bom **GABINETE PHOTOGRAPHICO**, havendo para escolher: grande e variado sortimento de machinas de todos os systemas, tamanhos e preços, chapas de **Lumière** e **Schleussner** e outras, objectivos de diversos fabricantes, utensilios para gabinetes, drogas, papeis, cartões, *passé-partouts* e tudo mais que fór desejado para este ramo de arte e sciencia moderna, o mais recreativo e util, tanto para os homens como para as senhoras.

Aos srs. Amadores dão-se explicações e lições praticas da arte photographica — **GRATUITAMENTE** — na mesma casa, onde ha tambem á disposição de seus freguezes um **quarto escuro**, do qual poderão se utilizar tambem **GRATUITAMENTE**.

Anúncio no jornal Correio Paulistano, em 05/01/1900. Fonte: BnDigital.

É neste ponto que entra em cena o pioneirismo da família Wessel, a iniciar por Guilherme Wessel que, em 1900, abriu um dos primeiros comércios de artigos de fotografia no Brasil, em São Paulo.

Mas o grande protagonismo se deu com seu filho, Conrado Wessel. Em 1911, aos 20 anos, partiu para a Áustria para estudar fotoquímica e gráfica. Dois anos depois, retornou a São Paulo trazendo uma máquina de impressão baseada em clichês, com a qual abriu uma oficina, junto com seu pai.

Obra Estatística e de Consulta, fundada em 1844 por EDUARDO VON LAEMMERT

COM O TITULO

**ALMANAK LAEMMERT**

**73.º ANNO**

**3.º VOLUME**

**ESTADO DE S. PAULO**

Gravura

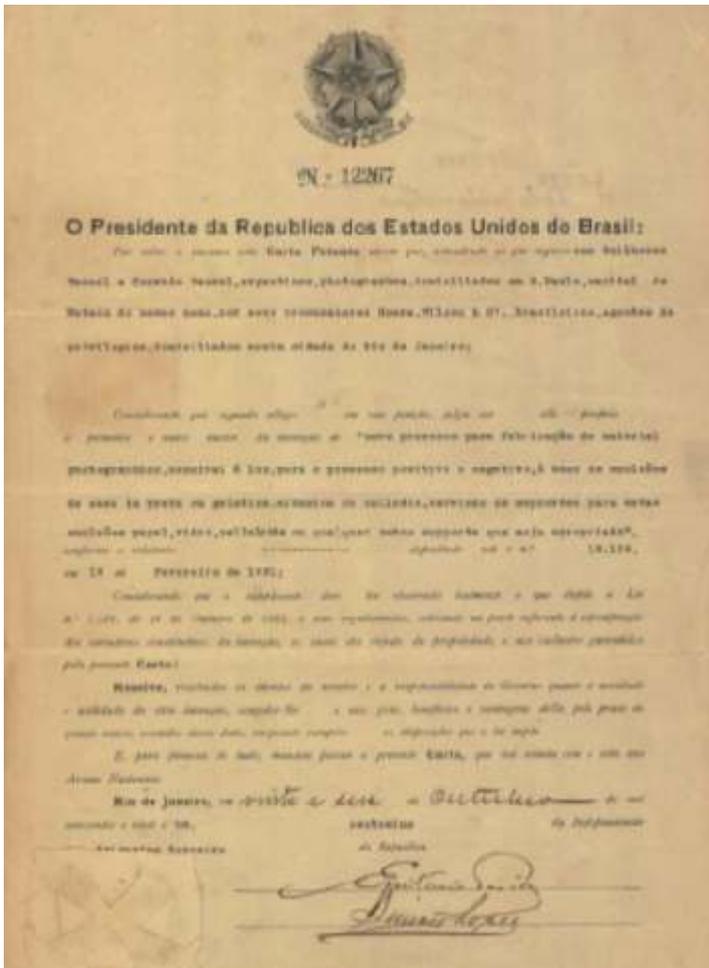
(Offic. de)

Ferdinando Panelli, r. Seminario, 37.  
Guilherme Wessel, trav. Gaayanazes, 155.  
M. Seognaniglio, trav. Braz, 18.  
Raphael Lucibello & Irmão, r. General Carneiro, 6. TELEPH. 845.

Citação da Oficina no “Almanak Laemmert” ano 1917. Fonte: BnDigital.

Nos anos seguintes, continuou seus estudos como aluno ouvinte e auxiliar de laboratório no curso de engenharia química da Escola Politécnica (futura USP). Seu principal objetivo era desenvolver um papel fotográfico nacional com qualidade comparável ou superior aos importados, mas com um custo menor.

Em 1918, Conrado alcançou um avanço significativo ao desenvolver uma nova fórmula para o banho de papel fotográfico. Essa fórmula foi patenteada em 1921, com o documento oficial assinado por Epiácio Pessoa, na época, Presidente da República.



Carta patente da fórmula. Fonte: Fundação Conrado Wessel.

Logo em seguida, fundou a “Fábrica Privilegiada de Papéis Fotográficos Wessel”, que se tornou a primeira do ramo na América Latina.

Apesar da qualidade superior e do preço mais competitivo, os consumidores resistiram a adotar o produto nacional. No entanto, um evento histórico, a Revolução dos Tenentes (ou Revolta Paulista de 1924), viria mudar o destino de Conrado.

Devido ao violento conflito, com São Paulo sitiada, houve escassez de papel importado, levando os fotógrafos a adquirirem os papéis da Wessel. A despeito do fim da rebelião e a retomada do fornecimento, os clientes continuaram preferindo os papéis da empresa.

Um grupo fiel da Wessel foi o dos fotógrafos ambulantes "Lambe-lambe", que trabalhavam em praças, parques, feiras e outros espaços públicos, capturando fotografias de famílias e produzindo fotos para documentos.



Fotógrafo Lambe-lambe. Fonte: Museu da Imagem e do Som/São Paulo.

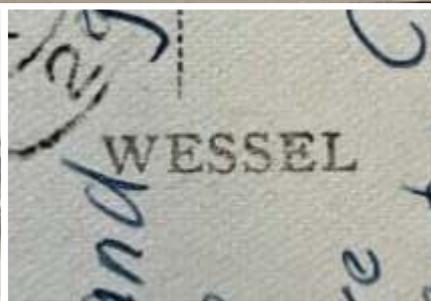
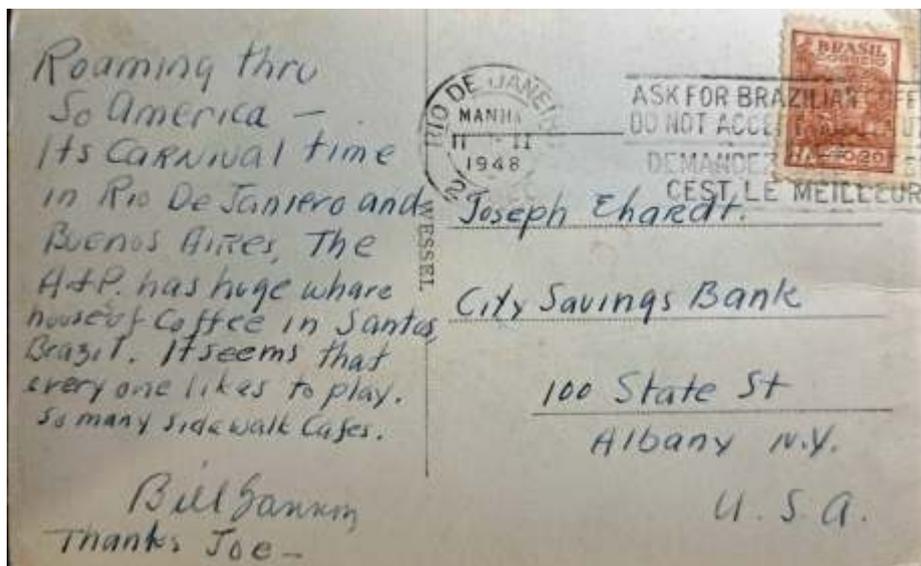
Nos cartões-postais, o uso do papel Wessel também foi significativo. A seguir, quatro cartões-postais com a indicação “Wessel” em diferentes tamanhos/formatos:



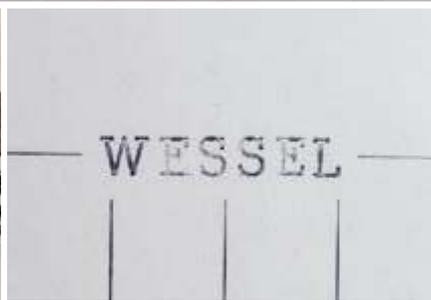
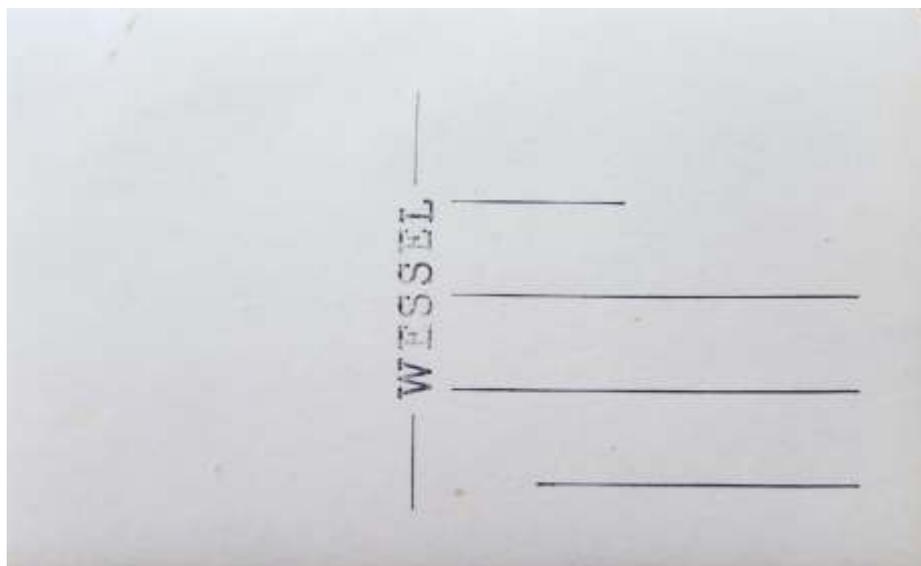
Cartão-postal de papel Wessel, retratando vista de avião da cidade de Curitiba/PR. Circulado no Brasil, de Curitiba/PR (24/12/1938) para Laguna/SC.



Cartão-postal de papel Wessel, retratando soldados em local não identificado.



Cartão-postal de papel Wessel, retratando paisagem da cidade de São Paulo/SP. Circulado do Brasil para os Estados Unidos, do Rio de Janeiro/RJ (11/02/1948) para Albany/Nova Iorque, obliterado por carimbo mecânico de propaganda Krag-Hanssen.



Cartão-postal de papel Wessel, retratando a Praça Leônidas Herbster, localizada em Jaraguá do Sul/SC. Fonte: coleção Roberto João Eissler.

Em 1949, Conrado firmou um contrato com a Kodak, comprometendo-se a fornecer quase toda a sua produção para a empresa, além de adotar a nomenclatura Kodak-Wessel.

A partir de 1954, a patente dos produtos passou definitivamente para a companhia americana, e a marca Wessel foi, gradualmente, descontinuada.

Conrado Wessel faleceu em 1993, deixando seu patrimônio para a constituição de uma fundação que, desde então, tem apoiado iniciativas nas áreas de arte, ciência e cultura no Brasil ([www.fcw.org.br](http://www.fcw.org.br)).

Obs.: as peças filatélicas deste artigo pertencem à coleção do autor, salvo quando indicado.



Anúncio da Kodak-Wessel na revista Foto Cine, número 101, de agosto de 1956.

## Bibliografia:

- Notícia “Há 140 anos, aparecia o cartão-postal”, em <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/ha-140-anos-aparecia-cartao-postal>.
- Notícia “Uma rede social vintage”, em <https://blog.correios.com.br/2019/10/03/150-anos-do-cartao-postal-uma-rede-social-vintage/>.
- Artigo “A Revolta Paulista de 1924”, de Roberto Aniche, disponível em <https://robertoaniche.com.br/2018/02/08/a-revolta-paulista-de-1924/>.
- Verbete “fotógrafo lambe-lambe”, da Wikipédia, disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo\\_lambe-lambe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fot%C3%B3grafo_lambe-lambe).
- Artigo “O inventor Wessel em foco”, da Revista Fapesp, disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-inventor-wessel-em-foco/>.
- Artigo “Rumos de um inventor”, da revista Fapesp, disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/rumos-de-um-inventor/>.
- Biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital);
- Acervo digital do Museu da Imagem e do Som/São Paulo.

# “CACHEÉ” – O dinheiro de Fraiburgo

Luis Claudio Fritzen – Florianópolis, SC

Fraiburgo é um município no oeste do estado de Santa Catarina, Região Sul do Brasil. Localizada nas coordenadas 27° 1' 34" S, 50° 55' 17" W.

Fraiburgo nasceu da saga de seus empreendedores pioneiros. Em terras antes contestadas entre a fazenda Liberata e Buitá Verde, no Planalto Serrano, meio oeste catarinense, foi onde em 1937 os irmãos Frey (Rene e Arnoldo) deram início ao povoado.



Mapa com a localização da cidade de Fraiburgo.

Na região, habitavam famílias brasileiras oriundas das Revoluções da segunda metade do século XIX e posseiros de grandes fazendas. Vale destacar neste período, a ocorrência do primeiro conflito da Guerra do Contestado na localidade de Taquaruçu, hoje pertencente a Fraiburgo e um dos seus mais antigos povoados.

Os irmãos Frey chegaram ao Brasil em 19 de outubro de 1919, vindos da Alsácia, região que pertenceu a Alemanha. No entanto, a vinda a região de Fraiburgo ocorreria apenas 11 anos mais tarde, em 1930.

A região do meio-oeste catarinense se desenvolveu a partir de 1910, com a implementação da estrada de ferro, em direção ao Rio Grande do Sul. Devido a guerra do Contestado, entre 1912 e 1916, a região do vale do Rio do Peixe, somente começou a ter desenvolvimento a partir de 1921, com a chegada dos imigrantes de origem alemã. Foi para esta região que os irmãos Frey passaram a residir.



Serraria, na localidade de Butiá Verde.

Era o inverno de 1938 quando começaram os trabalhos de construção da serraria dos Irmãos Frey. Para facilitar o transporte desde Perdizes até a serraria, a firma compra dois caminhões movidos a gasogênio, aparelho que ia preso ao veículo, queimando lenha e produzindo gás combustível em substituição à gasolina, que praticamente desaparecera durante o período da Segunda Grande Guerra.

Em 14 de agosto de 1941, houve um violento incêndio que consumiu as instalações da fábrica de caixas, oportunidade em que a destruição foi quase total, e inexistia seguro. O prejuízo foi grande, ainda agravado com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 31 de janeiro de 1942, o que fechou o mercado consumidor europeu. A produção então, era dirigida ao mercado nacional.

Ainda em 1943, os Frey construíram uma barragem no Arroio Passo Novo, com a finalidade de fornecer água para funcionamento da caldeira e locomóvel da serraria e para poder combater os frequentes incêndios, dando origem a um lago artificial (Lago das Araucárias). Os irmãos Frey instalaram um açougue e um armazém geral para atender aos primeiros moradores.

Criaram a primeira escola, onde lecionou por vários anos o professor Antonio Karasiak e providenciaram um salão para reuniões e bailinhos. Instalaram, em 1944, um gerador de eletricidade, que passou a fornecer energia para as casas dos empregados. Contrataram o técnico Alberto Wengrath para instalar uma olaria e, em 1951, construíram a enorme chaminé para a caldeira com os tijolos ali mesmo produzidos.

Em 1958, os Irmãos Frey contavam com duas serrarias, fábrica de caixas, um grande moinho, cantina vinífera, fábrica de crina vegetal, fábrica de pasta mecânica, açougue com matadouro, olaria e granja de suínos.

O nome do município provém dos radicais FREI + BURGO, que significam respectivamente Frei = livre e Burgo = fortaleza, sendo que a palavra frei assemelha-se muito com o nome dos precursores que fundaram o município: Família Frey.



Fraiburgo em 1960

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura, no município de Curitiba, o distrito de Liberata. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o distrito de Liberata permaneceu no município de Curitiba. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Fraiburgo, pela lei estadual nº 797, de 20-12-1961, desmembrado de Curitiba e Videira. Sede no antigo distrito de Liberata, atual Fraiburgo. Constituído de 2 distritos: Fraiburgo e Dez de Novembro. Desmembrado de Videira. Instalado em 31-12-1961.

## O Dinheiro Local

A serraria, que servia para o extrativismo de madeira, ficava na localidade de Butiá Verde, cerca de 30 km de distância de Perdizes (Videira). Inicialmente, tiveram dificuldades financeiras, pela falta de crédito, especialmente com o incêndio na fábrica de caixas e a declaração de guerra aos países do “eixo”.

Para pagamento salarial, foram emitidos “vales”, impressos em papelão grosso, com 0,5 a 1 milímetro de espessura, que circulavam livremente na comunidade. Serviam igualmente na aquisição de gêneros alimentícios e transações comerciais.

Nos exemplares que conhecemos, a inscrição nominal de valores ainda estava no padrão Mil Reis, o que indicava de que circulavam antes do ano de 1942, eis que a reforma monetária ocorreu no dia 5 de outubro daquele ano. Na parte frontal consta a inscrição RENE FREY & IRMÃO, sublinhado, com o nome da localidade de PERDIZES e, abaixo, o valor de 20\$000. No verso a observação “EXCLUSIVE PARA A SERRARIA BOA ESPERANÇA”. Tudo em tinta vermelha.

Esta moeda local foi denominada “cachê”, pela semelhança com a casca do pinheiro, e certamente pela espessura do papel.



A confiabilidade monetária era assegurada pelos irmãos Frey, que sempre honraram os compromissos e, posteriormente, resgataram os “vales” que lhes eram apresentados pela moeda circulante nacional.

# A Ponte Alexandre III em Paris

José Carlos Daltozo – Martinópolis, SP (\*)

O rio Sena percorre 13 quilômetros dentro da cidade de Paris, existindo mais de 30 pontes e passarelas de todos os tipos em suas margens. A ponte mais famosa, extravagante e bonita é, sem dúvida, a ponte Alexandre III.

Localizada entre o Grand Palais e o Petit Palais, de um lado, e a Esplanada dos Inválidos, do outro, é formada por um único arco de aço, um tipo de construção que foi um desafio para a engenharia da época. Inteiramente metálica, sua construção demorou três anos, de 1897 a 1899, e foi inaugurada em 1900, durante a Exposição Mundial ocorrida na capital francesa.

A ponte recebeu esse nome em homenagem ao czar Alexandre III, da Rússia, após concluída a aliança franco-russa em 1892. A pedra fundamental foi lançada pelo seu filho, o czar Nicolau II, em outubro de 1896.



A ponte em 1910, quando só havia trânsito de veículos a tração animal.

A magnífica decoração da ponte Alexandre III foi classificada como monumento histórico em 1975. Quatro pilares, com 17 metros de altura, elevam-se nas quatro extremidades da ponte. No topo dos pilares, Pegasus de bronze contam as suas histórias. No centro da ponte, dois motivos frontais em cobre martelado ornamentam a pedra angular do arco. A montante, as Ninfas do Sena rodeiam e apresentam as armas de Paris. A jusante, as Ninfas de Neva abraçam e protegem as armas da Rússia. Quatro esculturas em cobre martelado, representando os espíritos das águas, tomam lugar junto aos pilares, no parapeito. As luminárias em ambos os lados da ponte são outro destaque, foram produzidas pela mesma empresa que criou os famosos candelabros da Ópera de Paris.



Cartão-postal de 1920. Ao fundo, Grand Palais.



Cartão-postal de 1930. Ao fundo, Palácio dos Inválidos.

O escritor norte-americano Ernest Hemingway era apaixonado por Paris. Uma de suas frases, no livro “Paris é uma festa”, é “Se você quando jovem teve a sorte de viver em Paris, então a

lembrança o acompanhará pelo resto da vida, onde quer que você esteja, porque Paris é uma festa ambulante. Paris vale sempre a pena e retribui tudo aquilo que você lhe dê”.



A ponte em postal recente.

(\*) José Carlos Daltozo - Jornalista e Historiador.  
Caixa postal 117 - 19500-000 - Martinópolis – SP

**brazil stamps**

Selos - Envelopes - Material filatélico  
Classificadores, álbuns importados com  
melhores preços

[www.brazilstamps.com.br](http://www.brazilstamps.com.br)

+55 85 9 9813 5016

[www.brazilstamps.com.br](http://www.brazilstamps.com.br)  
[contactbrazilstamps@gmail.com](mailto:contactbrazilstamps@gmail.com)

ifsda  
int. federation of stamp  
dealers' associations

AB.C.F.  
Sociedade Brasileira de Filatelia  
Sociedade Brasileira de Filatelia

# Entrevista - Walter Kottmann

Peter Johann Bürger e Renato Mauro Schramm - Florianópolis, SC



Walter Kottmann, entrevistado nesta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica, nasceu Hammônia, atual Ibirama, em 11 de novembro de 1928. Ainda criança, mudou-se para Blumenau, onde reside até hoje. Traz um importante registro.

Assistiu, em 01 de dezembro de 1936, aos oito anos, a passagem do dirigível Hindenburg por Blumenau. Tem vivas essas marcantes lembranças. Mantém-se atualizado de informações sobre os dirigíveis Zeppelin.

Em uma certa oportunidade, conversando sobre os dirigíveis Zeppelin com Luiz A. Mayer (Bino), fomos surpreendidos. “Vocês sabiam que em Blumenau reside um senhor que testemunhou a passagem de um Zeppelin em Blumenau?” Aguçados pela curiosa informação, procuramos anotar a indicação e respectivo endereço. Trata-se do Senhor Walter Kottmann, residente no Bairro de Itoupava Seca. Obtivemos o contato e procuramos agendar uma visita, por intermédio de sua filha Margit Kottmann.

Fomos recebidos gentilmente pelo Senhor Walter em sua residência para esta entrevista, que certamente contribui para o registro histórico da passagem de um dirigível Zeppelin por Blumenau. Ele mostrou-se uma pessoa que não retrata sua idade, em face da lucidez, disposição, vivacidade e bom humor.

Acompanhou a entrevista o Dr. Renato Mauro Schramm. Nossos agradecimentos pela especial atenção dispensada.



Santa Catarina Filatélica – Quando e onde o senhor nasceu? Quais foram suas atividades profissionais?

Walter Kottmann - Nasci em Hammônia, hoje município de Ibirama, em 11 de novembro de 1928, portanto no final do ano farei 96 anos. Vim para Blumenau em janeiro de 1936. Mantive em Blumenau uma empresa de serviços de retífica de motores e comércio de peças em geral.

SCF – Qual é a sua história familiar?

WK – Minha esposa Edel Hahn Kottmann faleceu recentemente. Meus pais, Robert e Frida Kottmann. Meu avô nasceu em Stuttgart, Baden-Württemberg na Alemanha, vindo para o Brasil aos 18 anos. Radicou-se em Hammônia, na colonização promovida pela Companhia Hanseática. Meu avô

mantinha uma padaria que atendia Blumenau e Indaial. Uma das primeiras da região. Meu pai estabeleceu-se em Dalbérgia, Hammônia, onde tinha um açougue e um comércio de secos e molhados.

SCF – Quais suas recordações do testemunho da passagem do Zeppelin?

WK - Era o dia 01 de dezembro de 1936, uma terça-feira. Já morávamos no bairro de Itoupava Seca, em Blumenau. Eu tinha oito anos. Eram aproximadamente seis horas da manhã daquele dia.

O dia estava clareando. Acordei com uma gritaria da vizinhança. Aqui em casa alugávamos um quarto e o inquilino também começou a gritar, quase em pânico.



Walter Kottmann e esposa

Apressei-me em ir para a rua, para a frente da casa, quando avistei o Zeppelin. Era enorme. Estava com a cabine de passageiros iluminada. Voava alto, silenciosamente. Acompanhei-o até perdê-lo de vista por trás dos morros.

SCF – Imaginamos que deva ter ficado interessado em saber mais sobre os dirigíveis Zeppelin?

WK – Sim, bem mais tarde. Já adulto, descobri que aquele se tratava do dirigível Hindenburg – LZ 129, o maior dirigível já construído, que sobrevoou Santa Catarina em 1936. Além de Blumenau, também outras localidades no Vale do Itajaí puderam ver a passagem do dirigível, que, seis meses depois, em 6 de maio de 1937, se incendiaria num desastre em Lakehurst, Nova Jersey, EUA, sendo destruído durante sua tentativa de pousar. A bordo estavam 97 pessoas, das quais 36 morreram. Possuo literatura a respeito dos dirigíveis Zeppelin.



## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

### ZEPPELIN E O CORREIO DE DIRIGÍVEIS

James W. Graue

Adaptado da publicação do Instituto Smithsonian. Museu Postal Nacional. Filatelia Internacional.

Embora inúmeras nações estivessem envolvidas no desenvolvimento de dirigíveis, apenas a Alemanha desenvolveu as aeronaves em nível comercial. O Conde Ferdinand von Zeppelin voou seu primeiro dirigível em julho de 1900. O nome "Zeppelin" adquiriu status genérico ao longo do tempo como uma referência a qualquer um dos grandes dirigíveis do período 1900-1937, particularmente aqueles construídos pela Zeppelin Company (Luftschiffbau Zeppelin).

No final da década de 1920 e durante a maior parte da década de 1930, os dirigíveis Zeppelin alemães realizaram centenas de voos bem-sucedidos, muitos deles em serviços comerciais transatlânticos. Dirigíveis da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Itália também transportavam correspondência. A maioria dos voos do Zeppelin transportava correspondência documentando o desenvolvimento e as operações da era dos dirigíveis.

### Período de Desenvolvimento (1919-1945)

O programa alemão de aeronaves Zeppelin pretendeu demonstrar que o dirigível era um meio de transporte aéreo intercontinental capaz, confiável e seguro para passageiros, correio e carga. O dirigível Graf Zeppelin – LZ 127 foi um grande sucesso. Após uma série de voos espetaculares de demonstração e testes, incluindo voos à América do Norte, América do Sul, região do Polo Norte e um voo ao redor do mundo, os voos comerciais sazonais regulares para a América do Sul começaram em 1932. Esses voos continuaram até 1937. O Graf Zeppelin realizou um total de 590 voos bem-sucedidos, sendo 64 voos para o Brasil.



Voo ZR3 1924 América - entrega aérea nos Açores

O sucesso do Graf Zeppelin na rota sul-americana levou ao lançamento do maior Zeppelin, o Hindenburg – LZ 129, para serviço comercial na América do Norte. Ele fez dez viagens aos Estados Unidos e oito ao Brasil, em 1936. Em seu primeiro voo para os Estados Unidos, em 1937, o Hindenburg incendiou-se durante o pouso e foi destruído. A pequena quantidade de correio aéreo resgatada desse desastre é uma lembrança do evento e marca o fim da Era Zeppelin.

O correio aéreo transportado por Zeppelin era muito popular na época e assim permaneceu ao longo dos anos. Mais de sessenta países enviaram correio aéreo via Graf Zeppelin. Muitos voos utilizavam carimbos especiais, o que conferia às correspondências um design e cores atraentes. Há muitas maneiras diferentes de colecionar o correio aéreo Zeppelin, incluindo origem, voo, destino, ano ou correspondências enviadas pelos passageiros da aeronave, para citar alguns.

### Bibliografia:

Zeppelin e o Correio de Dirigíveis. Disponível em: <https://postalmuseum.si.edu/exhibition/international-philately-europe-western-europe-germany/zeppelin-and-airship-mail>. Acesso em: 28 jun. 2024.

# Nossa Senhora Aparecida, Rogai por Nós

Roberto Aniche – São Paulo, SP (\*)



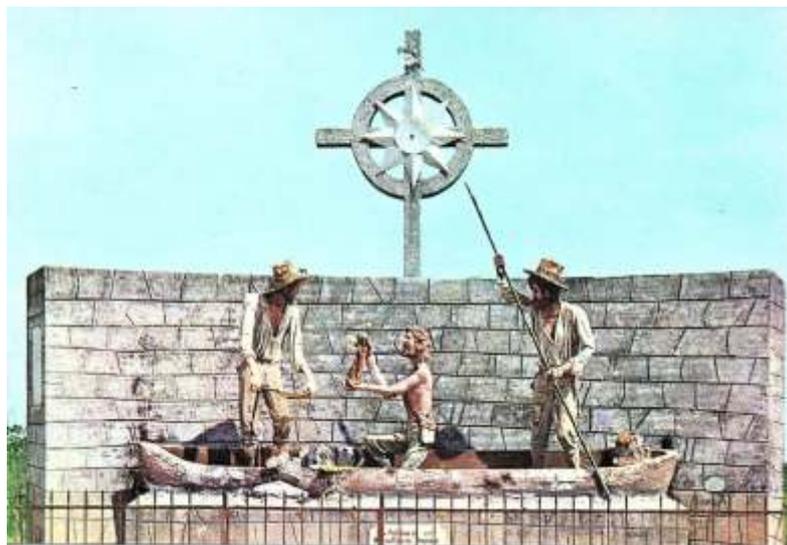
Considerada como Santa Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida movimentava milhões de fiéis, anualmente, visitando seu Santuário na Cidade de Aparecida do Norte, em São Paulo. No entanto, tamanha devoção deixa de lado a sua história, raramente citada nos cultos diários ou em periódicos e revistas.

Venerada na Igreja Católica, ela é representada com pele negra em uma imagem de terracota de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, atualmente alojada na Catedral Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Maria foi proclamada Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Rainha do Brasil, em 16 de julho de 1930 pelo Papa Pio XI. O dia 12 de outubro, data que marcou em 1980 a proclamação de feriado e consagração do Santuário Nacional de Aparecida pelo Papa João Paulo II.

## Histórico

A aparição da imagem de Nossa Senhora de Aparecida ocorreu em 1717. O governante das capitanias de São Paulo e Minas de Ouro, Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos, conde de Assumar, estava de passagem pelo Vale do Paraíba, em Guaratinguetá, em viagem à Vila Rica. Animado com a visita, o povo daquela localidade resolveu fazer uma festa de boas-vindas, chamando três pescadores, Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso, para que lançassem as redes no rio e trouxessem peixes para a festa.



Não sendo época de pescaria e como não podiam contradizer o pedido, rezaram pela proteção e benção da Virgem Maria e de Deus para que pudessem voltar à terra firme com fartura. Depois de várias tentativas sem resultado, desceram o curso do rio até chegarem ao Porto Itaguaçu, onde pescaram o corpo de uma imagem. Lançaram novamente as redes e pescaram a cabeça que faltava na imagem. Em seguida, a pescaria encheu o barco, que, diz a lenda, quase virou. Esse encontro é lembrado, no Brasil, no dia 12 de outubro. Após a recuperação das

duas partes, a figura da Virgem Aparecida teria ficado tão pesada que os pescadores não conseguiram mais movê-la. Há duas fontes sobre o achado da imagem, que se encontram no Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida (anterior a 1743) e no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma: a história registrada pelos padres José Alves Vilela em 1743, e João de Moraes e Aguiar em 1757, cujos documentos se encontram no Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá.

## Início da devoção

Durante os quinze anos seguintes, a imagem permaneceu na casa de Filipe Pedroso, onde as pessoas da vizinhança se reuniam para rezar. Crescendo a devoção na região, houve relatos de milagres por aqueles que oravam diante da santa, espalhando-se a devoção por todas as regiões do Brasil.



### A coroa de ouro e o manto azul - Coroação canônica da imagem

Doados em 8 de dezembro de 1868 pela Princesa Isabel, como pagamento de uma promessa feita à Santa. A coroa de ouro é cravejada de diamantes e rubis e o manto azul é ricamente adornado com fios de ouro e pedras preciosas. A 8 de setembro de 1904, a imagem foi coroada com a coroa doada pela Princesa Isabel e portando o manto azul, símbolos de sua realeza. A celebração solene foi dirigida por D. José Camargo Barros, com a presença do núncio apostólico, bispos e padres, além do presidente da República Rodrigues Alves. O Papa também concedeu ao santuário de Aparecida mais outros favores: ofício e missa própria de Nossa Senhora Aparecida e indulgências para os romeiros que vão em peregrinação ao Santuário.

## Emancipação do arraial

Em 17 de dezembro de 1928, o arraial que se formara ao redor da igreja no alto do Morro dos Coqueiros emancipou-se politicamente de Guaratinguetá, tornando-se o município de Aparecida, em homenagem à Santa cuja devoção fora responsável por sua criação.



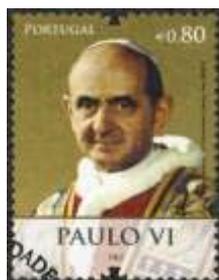
### Rainha e Padroeira do Brasil

Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi proclamada Rainha do Brasil e sua Padroeira Principal em 16 de julho de 1930, por decreto do Papa Pio XI. A imagem já havia sido coroada anteriormente em nome do Papa Pio X por decreto da Santa Sé, em 1904.

Pela Lei n.º 6 802, de 30 de junho de 1980, foi decretado oficialmente feriado o dia 12 de outubro, dedicando-se esse dia à devoção. Também nessa lei, a República Federativa do Brasil reconhece oficialmente Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil.

## Rosa de Ouro

Em 1967, ao completar-se 250 anos da devoção o Papa Paulo VI ofereceu ao Santuário a “Rosa de Ouro”, gesto repetido pelo Papa Bento XVI, que ofereceu outra rosa em 2007. Em 9 de outubro de 2017, o Papa Francisco concedeu a terceira rosa, em comemoração aos 300 anos da aparição da imagem.



Entrega da Rosa de Ouro à Basílica de Aparecida (Religião; Madona; Rosas)

15/22.8.1967

Selo: C576; Yv. 829

254 – Aparecida - SP

## Basílica de Nossa Senhora Aparecida

Em 1955, foi iniciada a construção da Basílica Nova idealizada pelo arquiteto Benedito Calixto. Um edifício em forma de cruz grega com 173 m de comprimento por 168 m de largura e a cúpula com 70 m de altura.

## Apêndice

Muito se especula sobre a história da imagem de Nossa Senhora Aparecida antes de ser encontrada pelos pescadores, em especial porque ela foi parar no leito do rio Paraíba do Sul. Segundo o jornalista Rodrigo Alvarez, autor de “Aparecida - A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil”, a imagem pertencia à capela Nossa Senhora do Rosário, então propriedade do capitão José Correia Leite, inaugurada em 1712.



Por algum motivo, a imagem teria se acidentado e sido jogada no rio Paraíba do Sul. Imagens quebradas eram enterradas ou jogadas em rios. Outra hipótese, menos difundida, afirma que a imagem ficava exposta em uma capela do município de Roseira e teria sido arrastada por uma enchente, sofrendo danos pelo caminho.

Já de acordo com padre José Inácio de Medeiros, superior provincial dos padres redentoristas de São Paulo, a imagem ficou no leito do rio entre 50 e 70 anos. O sacerdote calculou o tempo de submersão considerando que ela foi esculpida na segunda metade do século XVII, pouco após seu término teria sido transportada ao Vale do Paraíba e logo submersa nas águas do rio, devido à sua fragmentação. A imagem retirada das águas do rio Paraíba do Sul em 1717 mede trinta e seis centímetros de altura e é de terracota, representando a Imaculada Conceição.

A argila da imagem é da região de Santana do Parnaíba. A cor de canela que apresenta hoje deve-se à exposição secular à fuligem produzida pelas chamas das velas, lamparinas e candeieiros acesos por seus devotos.

Por estudos comparativos, a autoria da imagem foi atribuída ao frei Agostinho de Jesus, (1600-1661) um monge nascido no Rio de Janeiro e que viveu grande parte de sua vida em Santana do Parnaíba, São Paulo, conhecido por sua habilidade na produção estatutária de arte sacra.



## **Bibliografia:**

História de Nossa Senhora Aparecida (nossasagradafamilia.com.br).  
7 Primeiros Milagres de Nossa Senhora Aparecida (comorezar.com.br).  
Nossa Senhora da Conceição Aparecida – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org).  
Nossa Senhora Aparecida: qual a história e o que ela significa - O Segredo.  
Nossa Senhora Aparecida: Conheça a História da Santa e a Oração (uol.com.br).  
Catálogo RHM 2016, 59ª edição.  
Catálogo Zioni.

## **Imagens:**

- 01 - Imagem de N<sup>a</sup>S<sup>a</sup> de Aparecida, fonte: Google.
- 02 - Cartão Postal nº 05 - Aparecida do Norte SP, Monumento aos Pescadores no local da aparição, edição Brasilcolor, do acervo do autor.
- 03 - Selo, Brasil, Centenário de Nascimento da Princesa Isabel, RHM C-214.
- 04 - Selo, Vaticano, 1933, Y-56.
- 05 - Selo, Portugal, 2010, Y-3491.
- 06 - Selo, Brasil, Outorga da Rosa de Ouro à Basílica de N<sup>a</sup>S<sup>a</sup> Aparecida, RHM C-576.
- 07 - Carimbo Comemorativo da Outorga da Rosa de Ouro, Zioni 254.
- 08 - Selo, Brasil, Visita do Papa João Paulo II ao Brasil, RHM C-1150.
- 09 - Selo, Brasil, 75 anos da Coroação de N<sup>a</sup>S<sup>a</sup> Aparecida, RHM C-1104.
- 10 - Carimbo, Aparecida, 300 anos de bênçãos, Zioni 10971.
- 11 – Imagem de N<sup>a</sup>S<sup>a</sup> Aparecida exposta na Basílica, em Aparecida do Norte, fonte: Google.



(\* ) Dr. Roberto Aniche  
Médico Ortopedista  
Sócio da Filabras  
Sócio da SPP Soc. Philatélica Paulista  
Titular da Academia Brasileira de Filatelia  
[www.robertoaniche.com.br](http://www.robertoaniche.com.br)  
[robertoaniche@yahoo.com.br](mailto:robertoaniche@yahoo.com.br)

# O incentivo dos Correios ao uso do telefone pessoal como facilitador para o envio de telegramas

Henrique Costa Braga – Belo Horizonte, MG (\*)

Logo após o surgimento das primeiras linhas telefônicas comerciais no Brasil, iniciou-se também, ainda que apenas em alguns locais, a utilização do telefone privado de pessoas, empresas e instituições como um instrumento facilitador para o envio de mensagens telegráficas. O uso desse recurso facilitava consideravelmente o envio, pois o interessado podia submeter a sua mensagem escrita sem a necessidade de se deslocar até uma agência específica.

Empresas privadas autorizadas, como a CTRG – Cia Telefônica Rio Grandense, foram pioneiras na realização desse serviço desde o início do século XX (Braga, 2020). Esses formulários eram chamados de telegramas fonados, ou simplesmente fonogramas. No caso da CTRG, a própria tecnologia de transmissão do telegrama era feita pelo uso do telefone, embora a empresa também tenha utilizado bastante o rádio.

Ainda na primeira metade do século XX, outras empresas autorizadas também atuaram nesse segmento de telefones fonados, como a Cia Telefônica Catarinense (Braga, 2021) e, pontualmente, a The Western Telegraph Company. Na verdade, os próprios Correios, apesar de operar majoritariamente pelo tradicional telégrafo elétrico convencional, também há muito já utilizavam o telefone e mesmo o rádio como tecnologia complementar de transmissão (Reginaldo Sobrinho, 1958).

Décadas depois, com a grande expansão e maior popularização das linhas telefônicas, notadamente a partir de meados da década de 1970, a então ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos incentivou maciçamente a população a utilizar o telefone para enviar uma mensagem telegráfica. Independentemente da tecnologia empregada na transmissão, esses telegramas, cujo envio se iniciava por telefone, também eram chamados de fonogramas pelos Correios. Somente nos anos 2000 esse serviço entrou em desuso, sendo substituído pelo uso da internet.

O objetivo deste trabalho é apresentar e comentar sobre alguns elementos empregados pelos Correios nas décadas de 1960 a 1990, relacionados à divulgação do serviço dos telegramas fonados. Ressalta-se que este trabalho deve ser entendido como sendo apenas introdutório, pois ainda há muita pesquisa a ser realizada.

Inicialmente, na figura 1, apresenta-se um formulário telegráfico do então DCT – Departamento de Correios e Telégrafos com a indicação “Telefônica Rio GB”, e o respectivo envelope (frente e verso) utilizado para o acondicionamento da mensagem nesse envio. Observa-se que é um envelope próprio, específico para esse tipo de serviço, tendo os dizeres impressos “Serviço de Telegramas Fonados”.

No verso desse envelope está impressa a frase “Telegrama por Telefone”. No envelope, também se apresenta o respectivo número de telefone local dedicado à época para que a população pudesse utilizá-lo e obter esse serviço. Neste caso, verifica-se que esse formulário e envelope são de uma cópia confirmatória.

Figura 1 – Formulário telegráfico fonado e respectivo envelope utilizado pelo DCT

ESTADO-NACIONAL E INTERCOMUNICACAO		DCT TELEGRAMA	
TAXA @ 3.182,49		19,40ES	
TELEFONICA RIO GB		RET 26 25	
ENDERECO	INDICACAO DE SERVIÇO TAXADAS	MODO DE TRANSMISSAO	
	DESTINATARIO: IVAN SACCO	INICIAL DO OPERADO	
	AGUETE 195		
CIDADE: BUENOS AIRES	ESTADO: ARGENTINA		
	NECESSARIO ESCRIVER ADVOCADO DONCE GOMALDO ROSADO		
RUA RODOLFO DANTAS 93 APARTAMENTO 503 VO RIO			
DE JARRIDO SOBRE HERANCA ABRACOE			
MAESTRO NESTOR BOGHIHO			
EXPEDIDOR: MAESTRO ALCEU BOGHIHO		TELEFONE: 775603	
RUA: GUSTAVO BANPAIO 158 APTO 403		BAIRRO: LEME	
MARLENE CONF.			

MVOP SERVIÇO DE TELEGRAMAS FONADOS  
D.C.T.

**EXPRESSA**

Ao: MAESTRO ALCEU BOGHIHO

GUSTAVO BANPAIO 158 APTO 403

LEME

RIO GB 20 07

650

CÓPIA CONFIRMATÓRIA

ARGENTINA

**IMPORTANTE** ESTA SOBRECARTA ESTA RECOMENDADA PELO SR. SUPERINTENDENTE DO TRAFEGO TELEGRAFICO CUJA ENTREGA NAO DEVERA SOFRER DEMORA

OBSERVAÇÕES

TELEGRAMA POR TELEFONE - 22-3121

INFORMACOES E RECLAMACOES - 21-0329

PRACA 15 DE NOVIEMBRO - S. ANGAN

Na figura 2, apresenta-se um formulário telegráfico propagandístico com forte apelo temático, circulado em setembro de 1975 dentro do Rio de Janeiro (do Jardim Botânico para o Leblon), contendo a divulgação da utilização do serviço de telegramas fonados. Neste formulário, apresentam-se dois números de telefones que poderiam ser utilizados para esse fim.

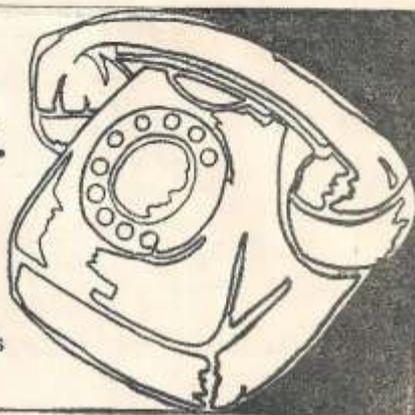
Figura 2 – Formulário telegráfico propagandístico, circulado em 1975 com a divulgação do serviço do uso do telefone para o envio de telegramas.

 EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS		<b>TELEGRAMA 001933</b>	
NÚMERO DE EXPEDIÇÃO 001933	CARIMBO DA ESTAÇÃO JARDIM BOTANICO 06 19 75	MANDEL JOSE DE QUEIROZ E SENHORA<	
Recebido De _____ às _____ horas por _____	INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXAS E QUOTAS	RUA LEONCIO CORREA 200<LEBLON RIO RJ<	
ENNMFH<017 060707<=>ZCZC CTL A 56/06<RJJ B CO RJTF 0 27/26<FONADO RIORJTEL 2822 026 05 2310<==			
IMPOSSIBILITADOS ABRACA-LOS PESSOALMENTE ENVIAMOS NOSSOS VOTOS <FELICIDADES PRA TODA VIDA< LUCIA ET CESARA PROTO<			
TEXTOS E A CT 200<=====			
7530 - 007 - 0066		162 x 229 mm	

**Responda este telegrama com um telegrama fonado. Ligue para 222-7600 ou 231-5845.**

- Telegrama Fonado é mais fácil e muito mais rápido.
- Funciona 24 horas por dia.
- Os Correios entregam a cópia na sua própria casa.
- E você só faz o pagamento junto com a conta do telefone.

  
**EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS**  
vinculada ao MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES



Na figura 3, apresenta-se um envelope tipicamente utilizado nas décadas de 1980 e 1990 para acondicionamento de telegramas. Na frente desse envelope, há um carimbo com cercadura retangular contendo a mensagem “Não deixe de responder este telegrama – Basta discar N° 25.55.22 e ditar sua mensagem”. Assim, o destinatário, ao receber a mensagem, fica incentivado a retribuir de imediato o telegrama recebido, pelo seu próprio telefone.

Figura 3 – Envelope para acondicionamento de telegramas (frente e verso) com um carimbo (em destaque) de divulgação do serviço de telegramas fonados.



Nota: Apesar de não relacionado ao assunto em destaque, este envelope específico possui no seu verso uma interessante imagem propagandística privada com forte apelo temático.

Na figura 4, apresenta-se uma peça de propaganda dos Correios, destacando o serviço de telegramas fonados. Este comercial inovador promove um número próprio de telefone de apenas três dígitos (135), válido em quase todas as cidades do país que possuíam esse serviço. As imagens ilustram algumas etapas de como o serviço era realizado, a saber:

- Inicialmente o interessado utilizava seu próprio telefone para discar o número 135 e, conversando com um colaborador dos Correios, informa a mensagem e os detalhes do destinatário;
- O colaborador dos Correios digitava a mensagem em uma plataforma automatizada, que realiza por alguma forma tecnológica a transmissão da mensagem a uma outra plataforma localizada na cidade de destino;
- No destino, a mensagem era impressa e preparada para a entrega física;
- A entrega física é então realizada por algum meio expresso até o destinatário final, garantindo a rapidez na entrega da mensagem; e
- A cobrança pelo telegrama era automaticamente realizada na própria conta do telefone utilizado para solicitar o serviço, proporcionando uma forma conveniente de pagamento.

Figura 4 – Propaganda dos Correios sobre o uso do telefone para o envio de telegramas.

**Disque 135  
para passar um  
telegrama.**

O número 135 vale para a maioria das cidades onde o serviço funciona.  
Confirme-o na lista telefônica da sua localidade.

Os Correios sempre investem pensando em você e no país.  
Para que você possa passar mais tempo desfrutando do conforto de seu lar e do conforto dos seus ou para não perder tempo de trabalho e, ainda mais, cooperar com o Governo economizando combustíveis, os Correios transformaram sua casa e seu escritório em Agência Telegráfica. Experimente, faça o teste. Passe seu próximo telegrama pelo sistema fonado. E tem mais: você só paga quando a conta da telefônica chega.

**CORREIOS**  
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS  
Ministério das Comunicações

Fonte: Revista Cofi (1983, n. 81, 3ª capa).

Por fim, as figuras 5, 6, 7 e 8 que se seguem, apresentam vários telegramas impressos em formulários contínuos, circulados entre os anos de 1979 e 1999. Em todos os formulários, nas suas laterais verticais direita e/ou esquerda, aparecem mensagens incentivando o serviço dos telegramas fonados.

O formulário da figura 5 apresenta a seguinte mensagem: “FONEGRAMA, dite pelo telefone o seu telegrama”. Os formulários das Figuras 6, 7 e 8 apresentam a seguinte mensagem: “TELEGRAMA FONADO é cômodo. Ligue para a ECT hoje e pague depois”. Apesar de apresentarem a mesma frase e similaridades, esses formulários de telegramas contínuos possuem diferenças gráficas entre si, sendo, portanto, modelos distintos.

Figura 5 – Telegrama em formulário circulado em junho de 1979.

ECT	TELEGRAMA FONADO É CÔMODO. LIGUE HOJE E PAGUE DEPOIS.		PELO FONEGRAMA
ECT	<p>21415 Y RJVP 21102 B RJTO 21415 Y RJVP 21102 B RJTO 261946</p>		ECT
ECT	<p>ZCZO XERO24407 024407 83 RJVP CO RJXR 023 RIODEJANEIRO/RJ 23/21 26 1837</p>	26 JUN 20 3 28 0 1979	FONEGRAMA DITE PELO TELEFONE O SEU TELEGRAMA
ECT	<p>TELEGRAMA <b>007254</b> POMONA POLITIS RUA VISCONDE DE PIRAJARÁ 4/800 IPANEMA RIODEJANEIRO/RJ</p>		ECT
ECT	<p>NOSSE ABRACCO PESAMES FALECIMENTO SUA QUERIDA MAE PT DULCE ET BEATRIZ</p>		FONEGRAMA DITE PELO TELEFONE O SEU TELEGRAMA
ECT	<p>COL 4 808</p>		ECT
ECT	<p>MHNN 21415 Y RJVP 21102 B RJTO</p>		FONEGRAMA DITE PELO TELEFONE O SEU TELEGRAMA

Nota: Emprega o curioso termo “fonegrama” ao invés do tradicional termo “fonograma”.

Figura 6 - Telegrama em formulário circulado em maio de 1981.

TELEGRAMA CONFIDABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	01031
		D 17719 Z PEGPM PQIWIQ Z RSNH 18811 Z RSNH 17719 Z PRGP 15/1347 ZCZC GRP369 00214 20 RSNH CO PEGP 14 GUARAPUAVA/PR 14/12 15 1345
TELEGRAMA LOMY LINK CX POSTAL 2159 NOVOHAMBURGVELHO/RS(93300)	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	
QUE DEUS ABENCOE ESTA DATA FELIZ ANIVERSARIO MARLI	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	
COL 2159		

Figura 7 - Telegrama em formulário circulado em março de 1993.

TELEGRAMA CONFIDABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	RFRRO1845 0103 2114 (F05) RIODEJANEIRO/RJ
		URGENTE EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO DA FAZENDA DR. ELÍSEU REZENDE MINISTERIO DA FAZENDA BRASÍLIA/DF(70000000)
		QUEIRA ILUSTRE AMIGO RECEBER MEUS EFUSIVOS SINCEROS CUMPRIMENTOS MOMENTO ASSUME MAIS IMPORTANTE PASTA GOVERNO ITAMAR FRANCO. FAÇO ARDENTES VOTOS DEUS ILUMINE SEMPRE VOSSA RECONHECIDA BRILHANTE INTELIGENCIA SENTIDO SALVAR BRASIL DESASTRE ECONOMICO SOCIAL. LEMBRANDO INESQUECIVEL ANDREAZZA ESTEJA CERTO PODERA CONTAR COM MINHA HUMILDE AMIGA E FIEL COLABORACAO ONDE NECESSITAR. BREVE TENTAREI ABRACO PESSOAL PROMETIDO DESDE FURNAS. FELICIDADES MARCIO ALFREDO COSTA
REMETENTE 2366422 MARCIO ALFREDO COSTA RUA BOLIVAR 217 1201 COPACABANA RIODEJANEIRO/RJ(22061000)	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	
	TELEGRAMA FONADO É COMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.	
		TELEGRAMA FONADO - Cópia de Arquivo -

Nota: A última linha apresenta a informação que este é um telegrama fonado, e ainda se trata de uma cópia de arquivo.

Figura 8 – Telegrama em formulário circulado em julho de 1999.



Nota: A última linha legível transmitida faz uma propaganda do serviço de telegramas fonados.

Os elementos aqui apresentados, ao serem apropriadamente introduzidos, têm potencial para enriquecer diversas coleções e estudos filatélicos, abrangendo desde abordagens tradicionais até temáticas e estudos de história postal. Este trabalho, mesmo que apenas introdutório, contribui para a apresentação e compreensão deste capítulo significativo na história das comunicações, destacando a importância do serviço de telegramas fonados oferecido pelos Correios.

### **Bibliografia:**

- Braga, Henrique C., Telegramas Fonados da CTRG. In: I Exposição Virtual da SPP, 16 p., 2020. Classe I Quadro - Tradicional.
- Braga, Henrique C. Telegramas Fonados da Cia Telefônica Catarinense. Revista Filacap, n. 206, p. 8-9, 2021.
- ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Revista Correio Filatélico, 1983, n. 81, 3ª capa.
- Reginaldo Sobrinho, Alfredo. Legislação Postal: concurso de postalista. São Paulo: Ed. Iva, 1958.

(\* ) Henrique Costa Braga  
henriquebragafilatelia@gmail.com

# Os Bilhetes do 3º Banco do Brasil<sup>1</sup> (1853-1893) e do Banco Comercial e Agrícola (1857-1862) impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (\*)



**Figura 1** – Bilhete de 200 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1854/55 (JM228º), nº 48.829, da Caixa Matriz, gravado e impresso pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ)<sup>2</sup> No centro, na parte superior, temos a figura de um marujo no cais do porto, rodeado de mercadorias. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º abridor F.F. Paradella (*Fidelis Ferreira Paradella*), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, antiga coleção de José Benedito de Moura. (reprodução a partir da Iconografia de Valores Impressos do Brasil, 1979)

## Introdução

A Casa da Moeda foi fundada em 8 de março de 1694, completando, este ano, 330 anos de existência. Foi criada no Brasil Colonial pela administração portuguesa com o intuito de cunhar moedas com valor intrínseco, ou seja, ouro e prata para a circulação na Colônia.

<sup>1</sup> O Decreto de 31 de agosto de 1853 trata da incorporação do novo banco de emissão sob a denominação de Banco do Brasil (3º de nome), fruto da fusão do Banco do Brasil de Mauá e do Banco Comercial do Rio de Janeiro. Utilizamos a denominação “3º” Banco do Brasil para facilitar a compreensão.

<sup>2</sup> Utilizamos aqui a sigla CMRJ (Casa da Moeda do Rio de Janeiro) para designar a empresa no Século XIX e início do Século XX e a partir de 1961, como CMB (Casa da Moeda do Brasil).

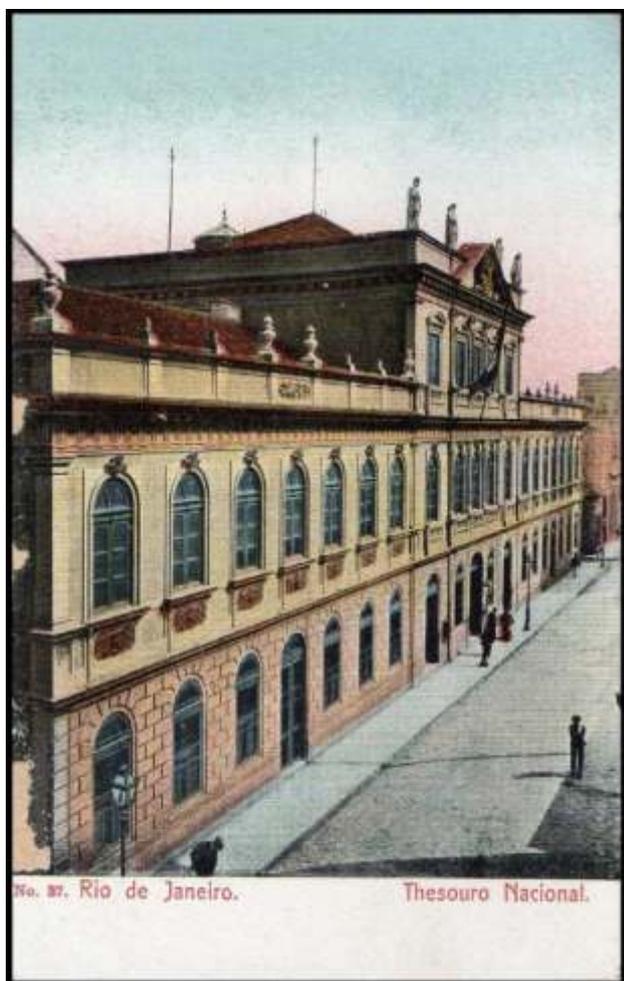
Nos anos de 1695 e 1696 foram cunhadas, em Salvador<sup>3</sup>, as primeiras moedas, quais sejam 1.000, 2.000 e 4.000 réis em ouro e 20, 40, 80, 160, 320 e 640 réis, em prata, conhecidas como a “série das patacas”.

As primeiras moedas de cobre só foram cunhadas a partir de 1729, também pela Casa da Moeda da Bahia.

As últimas moedas de ouro para circulação foram cunhadas em 1922, de 10.000 e 20.000 réis. As de prata (prata 900), em 1913. Em 1922, temos a moeda comemorativa da Independência do Brasil, que foi cunhada em prata 500 ou 900. Após isso, moedas apenas em prata 500, até 1938.

No que diz respeito à impressão de bilhetes bancários, que é o sujeito principal desta matéria, em 1850, na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, criou-se uma “*oficina de entalhar ao buril*” onde se poderiam realizar trabalhos em talho doce. Foi criada assim, uma “*Seção de gravura de alto e baixo relevo*”.

Naquela época, a CMRJ funcionava no Edifício do Real Erário<sup>4</sup>. Ali foram gravados e impressos os primeiros bilhetes sob a responsabilidade da Casa da Moeda<sup>5</sup>, que foram destinados ao 3º Banco do Brasil. Esses bilhetes são, provavelmente, os primeiros em talho doce ou calcografia gravados e impressos no Brasil. Uma grande proeza para a época.



**Figura 2** – Antigo edifício do Real Erário, depois Tesouro Nacional. **A Casa da Moeda funcionou ali de 1814 a 1868.** Nesse prédio também podem ter sido impressos os primeiros bilhetes do 1º Banco do Brasil, sob responsabilidade da Imprensa Régia ou Tesouro Nacional, em 1810. Ficou conhecido como a “*Casa dos Pássaros*”, eis que antes da construção do prédio, existia naquele local um Museu de História Natural. Situava-se na Rua do Sacramento (atual Avenida Passos), no Rio de Janeiro. (Cartão Postal nº37 do Rio de Janeiro, prédio do Tesouro Nacional, início do Século XX. Impressor: *Casa Staffa*, Rua do Ouvidor nº 127, Rio de Janeiro).

<sup>3</sup> A primeira Sede da Casa da Moeda. No início, a Casa da Moeda era itinerante.

<sup>4</sup> A Casa da Moeda funcionou nesse edifício de 1814 a 1868. Era conhecido como “*Casa dos Pássaros*” eis que naquele local, antes da construção do prédio em questão, havia um Museu de História Natural.

<sup>5</sup> A Casa da Moeda não foi pioneira na impressão de bilhetes no Brasil. Os bilhetes do 1º Banco do Brasil foram impressos na Imprensa Régia ou Tesouro Nacional (1810), provavelmente, com chapas e papéis vindos de Londres. As cédulas para o recolhimento das moedas de cobre nas Províncias do Império foram impressas pelo Tesouro Nacional em litografia (1833). Curiosamente, todos nesse mesmo prédio.

O Banco do Brasil emitiu os bilhetes impressos pela Casa da Moeda entre 1854 e 1857.

Concomitantemente aos bilhetes impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, o Banco do Brasil, também, emitiu bilhetes impressos pela empresa inglesa “*Bradbury & Evans, Bank Note Engravers & Printers, Whitefriars, London*”, estabelecida em 1850 e que passou a imprimir bilhetes de banco em 1856. Essa empresa foi criada por *Henry Bradbury* e, em 1890, passou a se chamar “*Bradbury, Wilkinson & Co., Ltd*”.

Em 1858, o Banco Comercial e Agrícola emitiu uma série de bilhetes, todos gravados e impressos pela CMRJ com o mesmo método utilizado nos bilhetes do Banco do Brasil e com o mesmo gravador.

No início do Século XX, a CMRJ imprimiu, pela primeira vez, cédulas para o Tesouro Nacional, entre os anos de 1906 e 1908, com desenhos e gravuras vindas da França. Nessa época, foi realizado um grande investimento em maquinário e até com a vinda de técnicos da França, com o intuito de permitir que o país pudesse produzir seu próprio papel-moeda. A tentativa não logrou êxito<sup>6</sup>.

Também em 1906, a Casa da Moeda realizou adaptações de cédulas do Tesouro Nacional (impressas na França) para a Caixa de Conversão. Houve adaptação nas cores e a realização de superimpressão por parte da CMRJ.

Entre 1920 e 1924 foram impressas pela CMRJ cédulas para o Tesouro Nacional pelo método da xilografia<sup>7</sup> (17 estampas). Um feito notável para a época, mas que também não conseguiu substituir as encomendas feitas às empresas estrangeiras, notadamente a *American Bank Note Company* (ABNCo.).

O fato é que, no Brasil, não havia técnicos capazes de gravar as placas de impressão de valores, eis que jamais se pensou em formar tais técnicos. No caso dos bilhetes do 3º Banco do Brasil e do Banco Comercial e Agrícola, gravados na CMRJ, por meio da técnica da calcografia, ou seja, com a utilização de uma placa gravada, foi obra do acaso e não de investimentos na formação de técnicos, como veremos.

Em 1923, a CMRJ realizou adaptações em cédulas do Tesouro Nacional de sua produção para o Banco do Brasil (5º de nome).

Em 1942, realizou as superimpressões nas cédulas do mil-réis (sete estampas), quando da mudança do padrão Mil-Réis para o Cruzeiro.

Finalmente, em 1961 e 1962, gravou e imprimiu por métodos modernos a cédula de 5 cruzeiros para o Tesouro Nacional (em calcografia e tipografia), prelúdio da impressão em massa das cédulas brasileiras pela Casa da Moeda do Brasil (CMB) que debutou em 1970.

Em linhas gerais, esse foi o percurso da CMRJ na produção de bilhetes e cédulas bancárias, desde a elaboração das primeiras matrizes, de 1850 até 1961, com a cédula do índio. Essa tímida produção foi reflexo da falta de investimentos específicos, notadamente na capacitação técnica dos funcionários, como afirmamos.

Passaremos a analisar os bilhetes do 3º Banco do Brasil e do Banco Comercial e Agrícola, objeto de nosso estudo.

---

<sup>6</sup> Mais detalhes sobre este assunto podem ser vistos na matéria “**O Meio Circulante no início do Século XX e a “Série Francesa”**”. Boletim da AFSC - Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, nº 72, agosto de 2017, p.4-23”, de nossa autoria.

<sup>7</sup> É a gravura em madeira.

A impressão de bilhetes pela Casa da Moeda para o 3º Banco do Brasil - emitidos entre 1854 e 1857.



**Figura 3** – Bilhete de 500 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1854/55 (JM229), nº 12.950, da Caixa Matriz, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior, temos a Alegoria da Abundância. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º abridor F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil ou do Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, atual CCBB/RJ. (reprodução a partir da Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972).

O 3º Banco do Brasil, criado em 1853, foi o resultado da fusão do 2º Banco do Brasil (fundado no Rio de Janeiro em 1851 por Irineu Evangelista de Souza, o futuro Barão de Mauá)<sup>8</sup> e do Banco Comercial do Rio de Janeiro, criado em 1838.

Esses dois bancos, que fusionaram, haviam emitido vales nos valores de 200 (2) e 500 mil-réis, esses pelo Banco Comercial do Rio de Janeiro e 100 (2) e 200 mil-réis pelo 2º Banco do Brasil. As características e o impressor desses vales são desconhecidos.

Aqui não vamos nos aprofundar nos motivos que determinaram o surgimento de bancos nesse período, mas o fato é que eles surgiram, entre outros motivos, pelo excedente de capitais decorrentes da proibição do tráfico de escravos, ou melhor, de escravizados, mesmo que esse vil comércio não tenha cessado de todo naquela época<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Sobre o 1º Banco do Brasil pode ser consultada a matéria “**Bilhetes e Notas do Primeiro Banco do Brasil (1808-1829)**”, publicada no Boletim da AFSC - Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, nº 71, agosto de 2016, p.4-26, de nossa autoria.

<sup>9</sup> É uma questão que vem sendo objeto de estudos, na atualidade.

No Relatório do Ministério da Fazenda de 1850, na sessão destinada à Casa da Moeda, temos:

“Casa da Moeda  
(...)”

Não devo terminar esta parte da minha exposição sem vos informar que se criou na Casa da Moeda *uma oficina de entalhar ao buril ou de trabalhos de golpe doce*, como *Secção de gravura de alto e baixo relevo*. Do esmerado zelo do Provedor, e do gosto, aplicação e habilidade dos nossos Artistas. Espero que esta nova criação se torne utilíssima ao Brasil.

Talvez dentro de pouco tempo possamos nesse Estabelecimento Nacional *abrir as chapas de que precisamos para as notas, que agora nos vem da Inglaterra*; e ficarão assim mais reservados e exclusivos quer os labores produzidos pela perfeição artística, quer os matizes acidentais, devidos ao acaso ou a passagem dos ácidos sobre as chapas.” (p.23) (grifo nosso). (Brasil. Ministério da Fazenda. Ministro Joaquim José Rodrigues Torres. Proposta e Relatório do ano de 1850. Apresentado na 3ª Sessão da 8ª Legislatura – publicado em 1851).

No Relatório do Ministério da Fazenda de 1853, na sessão destinada ao Banco do Brasil, temos:

“Banco  
(...)”

O *Banco do Brasil* deu começo as suas transações no dia 10 do mês próximo passado, com bilhetes de valores de *100\$, 200\$ e 500\$, cujas chapas foram abertas na Casa da Moeda; onde se continua a trabalhar nas de outros valores. O trabalho da abrição tem sido feito com tanto esmero e perfeição por artistas Brasileiros, que na opinião das pessoas entendidas acredita esse Estabelecimento Nacional*”. (p.8) (grifo nosso). (Brasil. Ministério da Fazenda. Ministro Joaquim Honório Hermeto Carneiro Leão. Proposta e Relatório do ano de 1853. Apresentado na 2ª Sessão da 9ª Legislatura – publicado em 1854).

Pelos relatórios, podemos constatar que a Casa da Moeda criou uma oficina de talho doce (gravura em metal ou calcografia) com o objetivo de “*abrir as chapas*” para a impressão de notas que até aquele momento eram importadas da Inglaterra.

Naquela época, as cédulas do Tesouro Nacional eram impressas pela *PB&P – Perkins, Bacon & Petch* de Londres.

Logo depois, em 1854<sup>10</sup>, temos notícias de que o Banco do Brasil dava início às suas operações com bilhetes impressos na Casa da Moeda nos valores de 100, 200 e 500 mil-réis e de que a Casa da Moeda continuava a trabalhar nos outros valores.

---

<sup>10</sup> O Relatório é de 1853, mas foi publicado em 1854 e contém, acreditamos, informações dos primeiros meses de 1854.



**Figura 4** – Bilhete de 100 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1854/55 (JM227º), nº 56.57?, da Caixa Matriz, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior, temos uma paisagem lacustre, com dois cisnes em primeiro plano e uma canoa tripulada ao fundo. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º abridor F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, antiga coleção de José Benedito de Moura. (reprodução a partir da Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972).

Vejamos os bilhetes que foram impressos para o 3º Banco do Brasil pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro:

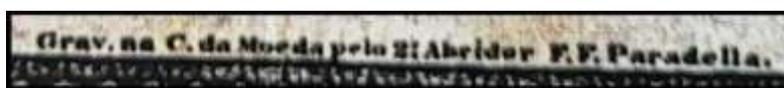
### 3º Banco do Brasil (1853 – 1892) Matriz e Caixas Filiais

Bilhetes impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ)

Tinta preta sobre papel branco em calcografia

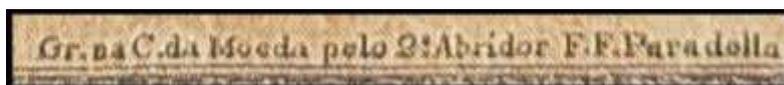
Ao que tudo indica não possuem marca d'água. Desconhecemos a origem do papel utilizado.

Todos os bilhetes têm a inscrição: “*Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella*”.



**Figura 5** – Detalhe do bilhete de 200 mil-réis (Figura 1) da 1ª Série da Caixa Matriz, 1854/55 (Jm228º).

Contém a inscrição “*Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella*”, como todos os outros.



**Figura 6** – Detalhe do bilhete de 50 mil-réis da 2ª Série da Caixa Filial de São Paulo (JM244º), emitido em 1856. Traz a seguinte inscrição “*Gr. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella*”, única que é ligeiramente diferente das inscrições dos demais bilhetes. Assim, todos os bilhetes de 50 mil-réis da 2ª Série, Matriz e Filiais se apresentam dessa maneira.

1. 20\$000 réis <sup>11</sup>	Vista do Arsenal da Marinha no Rio de Janeiro	220 X 145 mm <sup>12</sup>	JM224°
2. 30\$000 réis	Figura de um gaúcho	220 X 145 mm	JM225°
3. 50\$000 réis	Figura de uma mulher repousando em uma rede	220 X 145 mm	JM226*
4. 100\$000 réis	Canoa tripulada e cisnes em um lago	220 X 145 mm	JM227°
5. 200\$000 réis	Figura de um marujo	225 X 140 mm	JM228°
6. 500\$000 réis	Alegoria da abundância	225 X 140 mm	JM229

2ª Série emitida no ano de 1857

7. 50\$000 réis	Alegoria da abundância	185 X 115 mm	JM230*
-----------------	------------------------	--------------	--------

Observação: J. Vinicius e Violo Ídolo Lissa indicam o valor de 10 mil-réis (J. Vinicius n° 233 e Lissa, n° 283<sup>a</sup>), como sendo um bilhete impresso pela Casa da Moeda para a Caixa Matriz, no que estão equivocados. J. Vinicius, inclusive, traz uma imagem que corresponde a um bilhete de 10 mil-réis da 1ª Estampa, de impressão inglesa (*Bradbury*), que não foi emitido. Esse bilhete, impresso na Inglaterra, não traz nenhuma menção do gravador, como é o caso dos bilhetes impressos pela CMRJ. Para encerrar a questão, Julius Meili, também, não menciona a emissão desse valor pela Caixa Matriz.

### Caixa Filial do Ouro Preto

1ª Série emitida nos anos de 1856 e 1857

8. 10\$000 réis	Colméia numa paisagem	200 X 115 mm	JM231
9. 20\$000 réis	Similares as da Caixa Matriz, mas tendo o carimbo: “Caixa Filial do Ouro Preto”		JM232°
10. 30\$000 réis			JM233°
11. 50\$000 réis			JM234°
12. 100\$000 réis			JM235°
13. 200\$000 réis			JM236°

2ª Série emitida no ano de 1857

14. 50\$000 réis	Similar ao valor da 2ª série da Caixa Matriz, mas tendo o carimbo: “Caixa Filial do Ouro Preto”	JM237*
------------------	---	--------

<sup>11</sup> Nem mesmo o CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil) no Rio de Janeiro possui algum exemplar desse bilhete de 20 mil-réis que também foi emitido pelas outras duas Filiais.

<sup>12</sup> As dimensões foram baseadas na Iconografia do Meio Circulante e no Catálogo de Cédulas do Brasil de J. Vinicius. Os bilhetes vinham em talões e eram cortados na lateral esquerda, por isso são irregulares. Assim os números indicados são aproximações.



**Figura 7** – Bilhete de 10 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1856/57 (JM231), nº 94.846, da Casa Filial de Ouro Preto, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior, temos a figura de uma colméia em uma paisagem. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º *abridor* F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Interessante notar que nos bilhetes de 10 mil-réis não aparece a expressão “valor recebido”, que consta nos demais valores. Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil ou do Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil atual CCBB/RJ. (reprodução a partir da Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972).

### Caixa Filial de São Paulo

1ª Série emitida no ano de 1856

15. 10\$000 réis	Colméia numa paisagem	200 X 115 mm	JM238
16. 20\$000 réis	Similares as da Caixa Matriz, mas tendo o carimbo: “Caixa Filial de São Paulo”		JM239°
17. 30\$000 réis		JM240°	
18. 50\$000 réis		JM241°	
19. 100\$000 réis		JM242°	
20. 500\$000 réis		JM243°	

2ª Série emitida no ano de 1856

21. 50\$000 réis	Similar ao valor da 2ª série da Caixa Matriz, mas tendo o carimbo: “Caixa Filial de São Paulo”	JM244°
------------------	--	--------



**Figura 8** – Bilhete de 50 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1856 (JM241), nº 58.730, da Casa Filial de São Paulo, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior, figura de uma mulher repousando em uma rede. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º *abridor* F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil do Brasil, antiga coleção de José Benedito de Moura.

Foram gravados oito tipos de bilhetes, sendo sete tipos da Caixa Matriz que foram utilizados, também, para as Caixas de Ouro Preto e São Paulo, por meio da utilização de uma superimpressão, no caso um carimbo indicando a filial. O bilhete de 10 mil-réis, em que parece uma colméia (figura 5), foi impresso apenas para as Caixas filiais de Ouro Preto e São Paulo. Assim, chegamos ao final com vinte e um bilhetes.

Foram gravadas nove vinhetas no total, sendo que o bilhete de 500 mil-réis apresenta três vinhetas (figura 3), sendo as duas vinhetas laterais iguais e, a nosso ver, formando um conjunto que corresponde à Alegoria da Abundância. O bilhete de 50 mil-réis da 2ª série apresenta a mesma vinheta central do bilhete de 500 mil-réis (figura 3).

O bilhete de 20 mil-réis que traz a “*Vista do Arsenal da Marinha no Rio de Janeiro*”. Nem mesmo o CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil), no Rio de Janeiro, possui algum exemplar desses bilhetes, que foram emitidos pela Matriz e pelas duas filiais.

A quantidade de bilhetes emitidos não foi apurada, mas considerando a numeração com 5 dígitos, teríamos pelo menos 100.000 (99.000) de cada valor. Os bilhetes impressos pela *Bradbury* chegam 6 dígitos, ou seja, 1.000.000 (999.999) e ainda fizeram três séries. Estes números são apenas conjecturas, mas o fato é que a produção da Casa da Moeda foi bem inferior à da empresa inglesa. Assim, foi uma produção experimental.

Os bilhetes apresentam grande autenticidade, utilizando elementos locais, imagem do Rio de Janeiro, um gaúcho a cavalo, uma mulher deitada numa rede, uma paisagem lacustre, uma colmeia e uma alegoria.

No que diz respeito ao formato, maneira de apresentar os valores, a numeração e outros detalhes, nos remetem aos bilhetes de fabricação inglesa.

Todos os bilhetes foram gravados pelo mesmo gravador, o 2º abridor<sup>13</sup> da Casa da Moeda na época, qual seja, *Fidelis Ferreira Paradella*. Vejamos:

### **O Gravador *Fidelis Ferreira Paradella***

Todos os bilhetes descritos acima e os do Banco Comercial e Agrícola apresentam a seguinte inscrição: “*Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella*”<sup>14</sup>.

No Almanaque Laemmert (*Almank Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*) já no primeiro número, publicado em 1843, referente ao ano de 1844, temos referências ao Cônego *Fidelis Ferreira Paradella* (p. 98 – Cônegos).

Neste mesmo Almanaque, no ano de 1852 ele aparece como ajudante do 1º Abridor (p. 237 – Casa da Moeda) e, em 1854, como 2º Abridor (p. 151 – Casa da Moeda).

De 1854 a 1860 ele aparece como 2º Abridor (verbete Casa da Moeda) e de 1861 a 1873 ele aparece como o único Abridor daquele estabelecimento.

Sua ocupação, na Casa da Moeda, era Abridor de Cunhos, ou seja, aquele que preparava os moldes, geralmente em ferro, nos quais os metais (ouro, prata, cobre...) eram prensados para a fabricação de moedas.

Em geral, esses profissionais eram recrutados entre os ourives, que já tinham experiência no trato com metais preciosos.

Não encontramos nada mais sobre F.F. Paradella e nem como ele aprendeu lidar com a calcografia (gravura em metais).

Ele foi o único que gravou todos esses bilhetes, tanto do 3º Banco do Brasil como os do Banco Comercial e Agrícola.

Temos notícias de que F.F. Paradella também gravou selos (RHM19/1854; RHM20/1854; RHM21/1861; RHM22/1861).

Seu nome não aparece na relação dos funcionários da Casa da Moeda a partir de 1874, tendo permanecido naquele estabelecimento por vinte e dois anos.

### **A impressão de bilhetes pela Casa da Moeda para o Banco Comercial e Agrícola – emitidos entre 1858 e 1862.**

<sup>13</sup> No caso, abridor de cunhos de moedas. Esse era o seu cargo.

<sup>14</sup> Como vimos, o bilhete de 50 mil-réis da 2ª Série (Matriz e filiais do Banco do Brasil) apresenta uma ligeira diferença na inscrição.



**Figura 9** – Bilhete de 30 mil-réis do Banco Comercial e Agrícola de 1858/62 (JM304), nº 5.255, da Série 1, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior do bilhete, temos a figura de uma vaca; do lado esquerdo um navio no cais do porto. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º abridor F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar pertencente à coleção do Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil atual CCBB/RJ. (reprodução a partir da Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972).

O Banco Comercial e Agrícola (1857-1862) foi criado para auxiliar a lavoura e teve seus estatutos aprovados pelo Decreto de 31 de agosto de 1857. Foi autorizado a emitir bilhetes ao portador e à vista até a soma de seu capital realizáveis em moeda metálica ou notas do Tesouro, garantidos por igual soma em apólices e ações das estradas de ferro.

Em virtude da Lei 22 de agosto de 1860 (que mandou reduzir a emissão dos bancos) desistiu do direito de emissão que acordou ao 3º Banco do Brasil.

O Decreto de 28 de agosto de 1862 e o Decreto de 9 de setembro daquele mesmo ano aprovaram a desistência. Logo depois, o banco entrou em liquidação.

Vejamos os bilhetes que foram impressos para o Banco Comercial e Agrícola pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro:

### **Banco Comercial e Agrícola (1857-1862)**

Bilhetes impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ)

Tinta preta sobre papel azulado (20\$000), lilás (30\$000) e branco (50\$000) em calcografia  
Ao que tudo indica não possuem marca d'água. Desconhecemos a origem do papel utilizado.

Nos três valores acima apontados temos, em um medalhão, do lado esquerdo do bilhete, um navio no cais do porto. Os motivos das vinhetas centrais estão descritos abaixo.

Todos os bilhetes têm a inscrição: “*Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella*”.

## Caixa Matriz

Série 1ª emitida entre os anos de 1858 e 1862

1. 20\$000 réis	Paisagem campestre	185 X 140 mm <sup>15</sup>	JM303
2. 30\$000 réis	Vaca	185 X 140 mm	JM304
3. 50\$000 réis	Mercúrio – Alegoria do Comércio	220 X 145 mm	JM305*
4. 100\$000 réis	Desconhecidos		JM306°
5. 200\$000 réis	Desconhecidos		JM307°
6. 500\$000 réis	Desconhecidos		JM308°

O total das vinhetas dos bilhetes conhecidos é de 4, quais sejam: um navio no cais do porto (à esquerda em um medalhão, nos três bilhetes conhecidos); uma paisagem campestre (bilhete de 20 mil-réis); uma vaca (bilhete de 30 mil-réis) e Mercúrio – Alegoria do Comércio.



**Figura 10** – Bilhete de 20 mil-réis do Banco Comercial e Agrícola de 1858/62 (JM303), n° 5.313, da Série 1, gravado e impresso na Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ). No centro, parte superior do bilhete, temos uma paisagem campestre; do lado esquerdo um navio no cais do porto. Sua matriz em calcografia foi gravada na Casa da Moeda pelo 2º abridor F.F. Paradella, conforme gravado no centro da parte inferior do bilhete. Exemplar reproduzido da Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972).

<sup>15</sup> As dimensões foram baseadas na Iconografia do Meio Circulante e no Catálogo de Cédulas do Brasil de J. Vinicius. Os bilhetes vinham em talões e eram cortados na lateral esquerda, por isso são irregulares. Assim os números indicados são aproximações.

## Conclusão

Foi uma grande surpresa em nos depararmos com um gravador em talho doce no Brasil, em pleno meio do Século XIX. A produção foi modesta, não chegou a ameaçar as encomendas ao fornecedor inglês (*Bradbury*), mas demonstrou o potencial local em produzir seu próprio numerário, utilizando as boas técnicas.

A qualidade foi razoável se considerarmos que se tratava de apenas um gravador, mesmo que houvesse outros ajudantes, apenas a *Paradella* foi atribuída a autoria.

F.F. Paradella pode ter tido influência da Missão Artística Francesa (1816) mesmo que a primeira notícia que temos dele seja de 1843, quando era ainda Cônego. Ele também pode ter aprendido a arte na Europa e, quando chegou à Casa da Moeda, adaptou a técnica à elaboração de bilhetes de banco, como já havia sido feito pelos impressores anglo-americanos desde o início do Século XIX, como exemplo Perkins.

O fato é que, o seu trabalho não teve continuidade, ou seja, não foram feitos investimentos em equipamentos e na formação de novos técnicos que pudessem produzir as placas de impressão para os bilhetes bancários e para as cédulas do Tesouro ou mesmo de outros bancos comerciais. Como vimos, em 1874 ele não fazia mais parte do corpo de funcionários da Casa da Moeda. Provavelmente faleceu. A técnica morreu com ele.

## Bibliografia:

*Almanak Laemmert* – Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. (1844-1889). CRL – Center for Research Libraries – Brazilian Government documents. Almanak Laemmert (1844-1889). Chicago, IL, USA. (Catalog.crl.edu). Pode também ser acessado no site da Biblioteca Nacional.

AMARAL, J. Vinicius do. *Catálogo J. Vinicius de Cédulas do Brasil, 1773 a 1980*. São Paulo; 1ª edição, 1981-82.

GONÇALVES, Cleber Baptista. *Casa da Moeda do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª Edição, 1989.

Banco Central do Brasil (Divisão do Museu de Valores). *Iconografia de Valores Impressos do Brasil*. Redação, pesquisa e coordenação de Cleber Baptista Gonçalves. Brasília, 1979)

CCBB – Centro Cultura Banco do Brasil – Rio de Janeiro

LISSA, Violo Ídolo. *Catálogo do Papel-Moeda do Brasil – 1771-1986*. Brasília: Editora Gráfica Brasileira Ltda., 1987.

MEILI, Julius. *O Meio Circulante no Brasil. Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900*, Zúrique, Tipografia de Jean Frey, 1903.

*Museu de Valores do Banco Central do Brasil* – Brasília

*O Museu de Valores do Banco Central do Brasil*. São Paulo: Banco Safra, 1988.

PICK, Albert. *Standart Catalog of World Paper Money - Specialized Issues*, 12 th edition, Edited by George S.Cuhaj, USA, 2013.

*Relatórios do Ministério da Fazenda (1821-1949)*. CRL – Center for Research Libraries – Brazilian Government documents. Ministerial Report: Fazenda, 1821-1949. Chicago, IL, USA. (Catalog.crl.edu). Pode também ser acessado no site da Biblioteca Nacional.

TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*. Banco Central do Brasil, Gerência do Meio Circulante, 1972.

TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Dinheiro no Brasil*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2ª edição, 1987.

WIKIPÉDIA (pesquisas diversas)

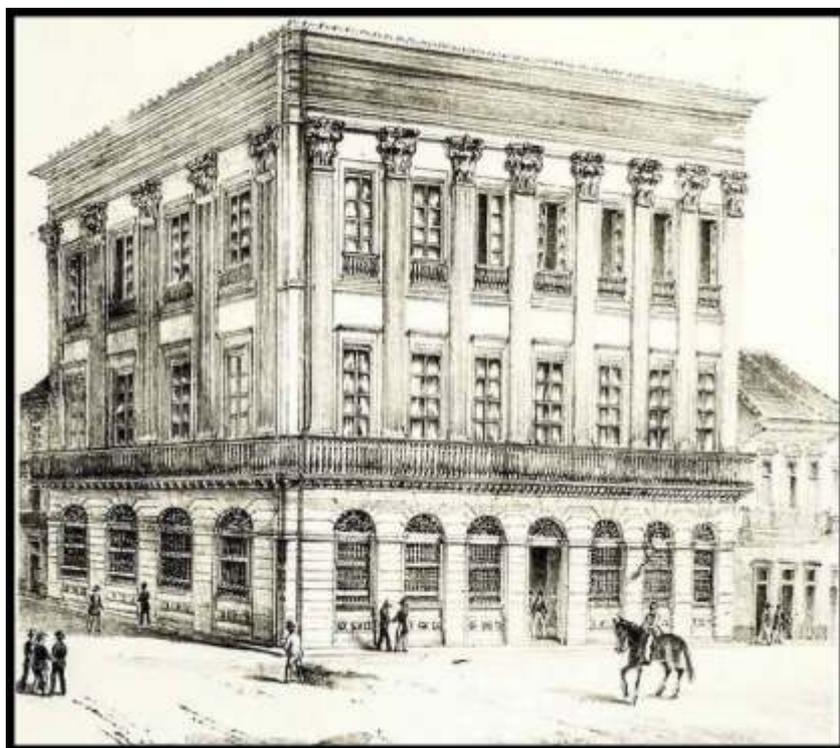
## Anexo 1



**Figuras 11 e 12** – Detalhe do bilhete de 10 mil-réis do 3º Banco do Brasil de 1856/57 (Figura 7) gravado por *Paradella* para a *Casa da Moeda* e detalhe do bilhete de 10 Libras do Banco inglês *Halifax and Huddersfield Union Bank*, criado em 1836. O bilhete foi gravado por *Rowe, Kentish & Co, London* (1785-1862). Não conseguimos a data de emissão do bilhete inglês. São imagens semelhantes. Em ambas temos a Colméia, símbolo do trabalho e da prosperidade. Não conseguimos determinar origem da gravura, mas é certo que os dois gravadores se inspiraram numa gravura mais antiga. Desconhecemos a autoria, mas encontramos uma gravura similar de 1822.

## Anexo 2

### Sobre o Banco do Brasil (1853- 1893)



Edifício que abrigou a sede do Banco do Brasil,  
na Rua da Alfândega, no Rio de Janeiro  
(Pieter Gotfred Bertichen/Brasiliiana Iconográfica)

Criação do Banco do Brasil em 1853 (3º de nome).

O decreto de 31 de agosto de 1853 incorporou o novo Banco do Brasil pela fusão do Banco Comercial do Rio de Janeiro e o Banco do Brasil de Mauá, aprovando seus estatutos e tornando-o o único Banco Emissor.

Fusão do Banco do Brasil de Mauá (1851-1853) com o Banco Comercial do Rio de Janeiro (1838-1853)

A sede ficava em um edifício na Rua da Alfândega (1854-1926), no Rio de Janeiro

## Descrição dos bilhetes impressos pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro

- **10 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Filial do Ouro Preto, Unifacial (JM 231)

Emitidos nos anos de 1856 e 1857

Motivo principal: Colméia

Parte escrita: *“Banco do Brazil – Ao Portador se pagará a quantia de Dez Mil-Réis na Tesouraria do Banco do Brazil ou na da Caixa Filial da Província de Minas no Ouro Preto – O Diretor do Banco – O Diretor da Caixa”*<sup>16</sup>

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”*

Impressão em calcografia

Catologação: JM<sup>17</sup> 231 e JM 238

Numeração: 5 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares.

2 exemplares conhecidos:

Antiga Coleção de Julius Meili

- JM 231 – N° 94.846 (Caixa Filial do Ouro Preto) Coleção: CCBB/RJ<sup>18</sup> (provável) ou MVBC<sup>19</sup>

- JM 238 – N° 1.030 (Caixa Filial de São Paulo) falsa. Coleção: CCBB/RJ (provável)

Obs.: O valor vem expresso em algarismos romanos, arábicos ou por extenso, por 14 vezes. Foi baseada em uma gravura preexistente, provavelmente inglesa.

- **20 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Caixa Filial do Ouro Preto e Caixa Filial de São Paulo. Unifaciais.

Emitidas entre os anos de 1854 e 1857

Motivo principal: Vista do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro

Parte escrita: ?

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”* (no caso aqui apenas provavelmente por não termos visto o bilhete).

Impressão em calcografia

Catologação: JM 224°, JM 232° e JM 239°

Numeração: ?

Nenhum exemplar conhecido até o momento. O CCBB, que acreditamos ter a maior coleção desses bilhetes, não possui este exemplar.

Obs.: Na obra de Julius Meili (Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil) os números marcados com um pequeno anel (°) significam que o autor não chegou a conhecer nenhum exemplar.

- **30 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 225°)

Emitida nos anos de 1854 e 1855

Motivo principal: Gaúcho

---

<sup>16</sup> Ou da Caixa Filial de São Paulo.

<sup>17</sup> Julius Meili. O Meio Circulante no Brasil, Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil, Zurique, 1903.

<sup>18</sup> Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Museu de Valores do Banco Central do Brasil.

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Trinta Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”*

Impressão em calcografia

Catálogo: JM225°, JM233° e JM240°

Numeração: 5 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares.

1 exemplar conhecido:

- JM 225° – N° 98 888 <sup>20</sup>(Caixa Matriz). (Fonte: Vieira Colecionismo – Rio de Janeiro – bilhete leiloadado em 20/07/2022 – Lote 422).

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 24 vezes. A gravura nos parece original.

**- 50 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 226\*)

Emitida nos anos de 1854 e 1855

Motivo principal: mulher repousando em uma rede <sup>21</sup>

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Cicoenta Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”*

Impressão em calcografia

Catálogo: JM 226\*, JM 234° e JM 241°

Numeração: 5 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares.

2 exemplares conhecidos:

- JM 226\* – N° 69.784 – Caixa Matriz (Antiga Coleção Meili – atual CCBB/RJ)

- JM 241° – N° 58.730/730 – Caixa Filial de São Paulo (Antiga Coleção de José Benedito de Moura, atual Museu de Valores do Banco Central do Brasil).

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 11 vezes. A gravura nos parece original.

**- 100 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 227°)

Emitida nos anos de 1854 e 1855

Motivo principal: Paisagem lacustre, com dois cisnes em primeiro plano e uma canoa tripulada ao fundo.

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Cem Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”*

---

<sup>20</sup> Curiosamente este exemplar é o antepenúltimo da Série da Caixa Matriz.

<sup>21</sup> Alguns mencionam tratar-se de uma índia.

Impressão em calcografia

Catálogo: JM 227°, JM 235° e JM 242°

Numeração: 5 dígitos? <sup>22</sup>, sugestão: 100.000 exemplares.

1 exemplar conhecido:

- JM227° – N° 5657? – Caixa Matriz (Antiga Coleção de José Benedito de Moura, atual Museu de Valores do Banco Central do Brasil).

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 16 vezes. A gravura nos parece original.

**- 200 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 228°)

Emitida nos anos de 1854 e 1855

Motivo principal: Figura de um marujo no cais do porto, rodeado de mercadorias.

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Duzentos Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2° Abridor F.F. Paradella”*

Impressão em calcografia

Catálogo: JM 228° e JM 236°

Numeração: 5 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares.

2 exemplares conhecidos:

- JM 228° – asa N° 28.641 – Caixa Matriz (Coleção Santander Brasil)

- JM 228° – N° 48.829 – Caixa Matriz (Antiga Coleção de José Benedito de Moura, atual Museu de Valores do Banco Central do Brasil).

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 15 vezes. A gravura nos parece original.

**- 500 mil-réis**, 1ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 229°)

Emitida nos anos de 1854 e 1855

Motivo principal: Alegoria da Abundância

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Quinhentos Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Grav. na C. da Moeda pelo 2° Abridor F.F. Paradella”*

Impressão em calcografia

Catálogo: JM 229 e JM 243°

Numeração: 5 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares.

2 exemplares conhecidos:

- JM 229 – N° 12.950 – Caixa Matriz (Exemplar pertencente à coleção do Museu de Valores do Banco Central do Brasil ou no CCBB/RJ).

- JM 229 – N° 21.281 – Caixa Matriz (Exemplar da antiga coleção Meili, atualmente no CCBB/RJ).

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 9 vezes. A gravura nos parece original.

---

<sup>22</sup> O único exemplar conhecido de n° 5657?, tem um espaço e manchas sugerindo mais um número.

- **50 mil-réis**, 2ª Série, Caixa Matriz, Unifacial (JM 244°)

Emitida em 1857

Motivo principal: Alegoria da Abundância

Parte escrita: *“Banco do Brazil – No Banco do Brazil se pagará ao portador desta a quantia de Cicoenta Mil Réis, valor recebido – Os Diretores”*.

Gravador: F.F. Paradella (Fidelis Ferreira Paradella), conforme indicação no centro da parte inferior do bilhete: *“Gr. na C. da Moeda pelo 2º Abridor F.F. Paradella”*<sup>23</sup>.

Impressão em calcografia

Catálogo: JM 230\*, JM 237\* e JM 244°

Numeração: 5 e 6 dígitos, sugestão: 100.000 exemplares<sup>24</sup>.

3 exemplares conhecidos:

- JM 230\* – nº 22.990 Caixa Matriz (Fonte: Vieira Colecionismo – Rio de Janeiro – bilhete leilado em 18/07/2022 – Lote 12).

- JM 237\* – nº 104.001 - 6001 Caixa Filial de Ouro Preto – Coleção Conselheiro Galvão – atual Museu de Valores do Banco Central do Brasil.

- JM 244° – nº 110.770/12.770 Caixa Filial de São Paulo – Museu de Valores do Banco Central do Brasil.

Obs.: O valor vem expresso em algarismos arábicos ou por extenso, por 11 vezes. A gravura nos parece original. É o único do qual se conhecem os três tipos.

(\*) Márcio Rovere Sandoval

sterlingnumismatic@hotmail.com

---

<sup>23</sup> Diferente dos demais.

<sup>24</sup> Os bilhetes das filiais do Ouro Preto e de São Paulo apresentam 6 dígitos, além de uma numeração suplementar. Acreditamos que iniciavam em 100.000, completando os mesmos 100.000 exemplares.



**POSTMIX**  
Gráfica Offset & Digital

# Selos impressos em Cartões-postais e Envelopes

Ulrich Schierz – Porto Alegre, RS (\*)

Inteiros postais, peças filatélicas que trazem o selo pré-impresso, são conhecidos de longa data. O Brasil, já em 1867, ofereceu envelopes pré-franqueados com a imagem de D. Pedro II em perfil. Outros países ofereceram documentos semelhantes. Entretanto, poucos países mantêm esse tipo de produto em sua gama de oferta de produtos.



Acima, temos três exemplos de pré-franqueados – o mencionado, do Brasil, outro emitido pelo correio dos USA e um terceiro, emitido pela então colônia “Índia Portuguesa”. Nem sempre, entretanto, a imagem do que seria um selo é aquela que repete um selo postal emitido pelo país.

Observemos que até mesmo colônias além-mar de alguns países emitiram esses inteiros postais. O exemplo a seguir (à esquerda) é o das Índias-Holandesas. Trata-se de uma peça ainda do final do Século XIX, postada em 22 de dezembro de 1882 para a Alemanha, passando pelos centros postais de PADANG, em 23 de dezembro e VELTEFREDEN, em 27 de dezembro.



A peça apresentada à direita é brasileira, um cartão-postal com imagem da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro e com carimbo da União Filatélica Porto Alegre, promovendo a Primeira Exposição Descritiva de Selos Postais do Brasil de 1934.

Este artigo tem por objetivo abordar a evolução e diversificação desse tipo de produto postal que o Correio Alemão vem oferecendo ao longo dos anos. O que chama atenção é que muitos selos oficialmente emitidos são oferecidos também em cartões-postais e envelopes. Assim, as diferentes opções que são oferecidas abrem um leque bastante amplo.

A primeira emissão de um inteiro postal, na Alemanha, data de 1872, um cartão-postal com a mesma imagem do selo de ½ Groschen (Michel n° 14 de 1 de abril de 1872).



A Alemanha ofereceu esses produtos também nas colônias e nas agências postais além-mar. Durante todo o período do Reino Alemão, cartões-postais com selos vigentes foram oferecidos, acompanhando sempre a franquia vigente para esse tipo de serviço.



Cartão-postal franqueado com o selo de 5 Pf da série “A Bavária” e tarifa de franquia vigente de 01/01/1875 a 31/03/1900; da cidade de Leipzig na Alemanha para Zoppot Prússia, hoje na Polônia. Foi postada em 15/06/1905, portanto depois do término de vigência da tarifa postal.

Este postal pré-franqueado com 8 Pf, já traz uma tendência que se perpetua até os dias atuais – promove a cidade de banhos termais Waldluftkurort Klotszche, próxima a Dresden. Destinatário e remetente são indicados no anverso, enquanto o verso do cartão está reservado para a mensagem escrita.



Durante todo o período do Reino Alemão, até 1945, esse tipo de cartões pré-franqueados foi oferecido, tanto com selos regulares vigentes como também com selos comemorativos. Mas havia também cartões com imagens de selos que nunca foram oferecidos gomados e picotados.

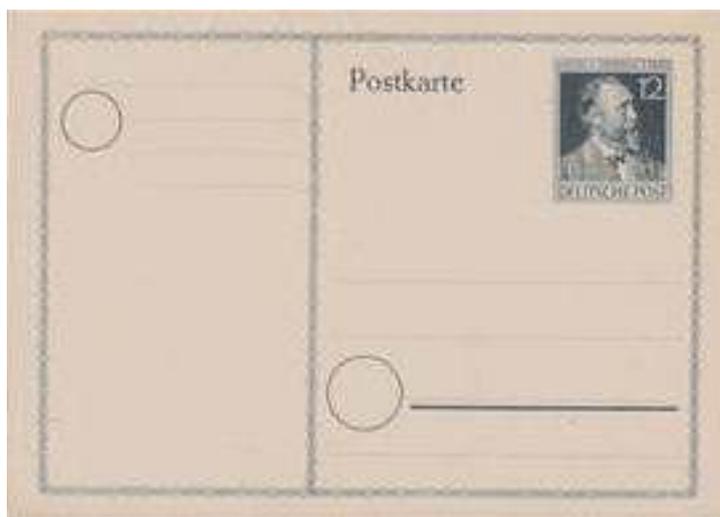


Exemplar pré-franqueado com selo no formato de comemorativo e que, ainda que houvesse o equivalente gomado, remete ao estilo do período e com propaganda política, como era praxe na época.

Este segundo cartão, também com a propaganda de cunho político, traz a imagem de um selo completamente distinto dos padrões utilizados nas séries da época.



No pós-guerra, no período de transição com a ocupação aliada, já em 1946, o sistema postal foi retomado e os primeiros selos, impressos. Manteve-se a tradição e cartões-postais pré-franqueados foram oferecidos.



Selos com essa imagem foram emitidos quando, ainda, as quatro Nações Aliadas se serviram dos mesmos selos. Com essa imagem houve duas emissões para postagem de correspondências. O valor impresso era referente a cartões-postais, diferente da série de selos gomados.

Na Alemanha moderna, repete-se a oferta desse tipo de produto aos consumidores. Entretanto, houve sensível melhora na qualidade dos produtos com modernos processos de impressão. Ampliou-se também a diversidade de motivos de emissões, desde a divulgação de locais de turismo a serem visitados como para eventos. Aqui se destacam aqueles relacionados com a filatelia, como encontros ou exposições. Observa-se também a utilização da pré-impressão de selos comemorativos, além dos regulares normalmente utilizados.



Pré-franqueado com selo regular, promovendo a cidade de Koblenz, à beira do rio Reno.



Pré-franqueado com selo comemorativo, quando da passagem dos 100 Anos do dia do Filatelista. Encontro de filatelistas na cidade de Mainz.

Não demorou para ser oferecida a possibilidade de adquirir envelopes com selos pré-impresos. Pela facilidade de manuseio e postagem, muitas vezes, empresas adquiriam esses produtos para sua postagem, principalmente de envio de simples-remessa, com material de divulgação ou cartas circulares.



Um produto bastante diferenciado são os cartões-postais acompanhados de cartão-resposta. Nesses casos, inicialmente, os dois estão ligados entre si, com uma dobra picotada. O remetente envia sua mensagem e o cartão-resposta será destacado pelo destinatário, respondendo à mensagem recebida.



Com o advento do selo personalizado, logo, também para esse tipo de franquia, foram oferecidos envelopes com selos pré-impresos. Essa realidade é observada também para produtos oferecidos pela ECT, aqui no Brasil.



Este envelope, com um selo personalizado mostrando um pássaro, foi produzido para a Sociedade de Ornitologia alemã.

O envelope ao lado festeja os 100 Anos da SEJU – Secretaria Executiva de Justiça do Estado do Pará.



Mas a possibilidade de serem utilizados selos personalizados pré-impresos foi ampliada pelo Departamento de Correios da Alemanha, vindo a oferecer um produto que foi chamado de “Dialog Post”. Nesse caso, não é mais um selo personalizado, mas uma imagem específica que se relaciona especificamente e somente com um determinado evento.



Nesse caso, não é verdadeiramente um selo, mas simplesmente uma imagem, e somente o carimbo e seu texto comprovam o valor da franquia. O envelope é para “simples-remessa” de uma carta circular postada pelo Teatro Municipal de Nuremberg, promovendo um espetáculo de dança. Observe-se o QR Code acima do endereço do destinatário. O valor de cada envelope que passa pelas máquinas seletoras é lido e imediatamente debitado na conta do remetente. Esse tipo de remessa não teve a necessária aceitação e, em março de 2024, o produto foi excluído do plantel de ofertas da Deutsche Post.

(\*) Ulrich Schierz  
Abril de 2024



**EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT**  
Superintendência Estadual de Santa Catarina

**Apoio de Filatelia**

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva - gabrielgd@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,  
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 - bloco B - 6º Andar  
Bairro: Nossa Senhora do Rosário - São José/SC  
CEP 88110-905 - Telefone: (48) 3954-4032

**Selos Comemorativos e Especiais**  
**Selos personalizados - Coleções Anuais**

**Em São José:** Agência Floresta - Rua Romeu José Vieira, 90  
CEP: 88110-975 - Telefone: (48) 3954-4195  
scacatm@correios.com.br

**Em Blumenau:** Agência Blumenau - Rua Curt Hering, 315  
CEP 89010-971 - Telefone (47) 3144-2361  
scafbnu@correios.com.br

**Em Joinville:** Agência Joinville - Rua Princesa Isabel, 394  
CEP 89201-970 - Telefone (47) 3419-6929  
scacjve@correios.com.br

